

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CARMEN JACQUES

PALAVRA CÍTRICA

Porto Alegre
2011

Carmen Jacques

PALAVRA CÍTRICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva

Linha de Pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação.

Porto Alegre
2011

Carmen Jacques

PALAVRA CÍTRICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 14 abr. 2011

Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva – Orientador

Profa. Dra. Paola Mena Barreto Zordan - UFRGS

Prof. Dr. André Pietsch Lima - UFPR

Profa. Dra. Angélica Vier Munhoz – UNIVATES

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

J12c Jacques, Carmen

Palavra crítica / Carmem Jacques; orientador:
Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre, 2011.
183 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2011, Porto Alegre,
BR-RS.

1. Linguística. 2. Filosofia. 3. Experimentação. 4.
Pensamento. 5. Conhecimento. I. Silva, Tomaz
Tadeu da. II. Título.

CDU – 37.01

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes – CRB 10/939
neliana.menezes@ufrgs.br

AGRADECIMENTOS

Esta tese contou com conexões. Ela é especialmente composta por forças. Agradeço ao Tomaz, pela confiança. À Sandra e à Paola, aos meus colegas da linha 9. Agradeço a todos que sabem que estão do meu lado e por isso fazem parte de mim e desta produção.

RESUMO

Resumir não posso. Um sabor, um gesto, uma atmosfera. Como? É fácil quando a palavra é reta e o pensamento, estreito. Mas aqui? Me deixei levar sem saber de mim. Fantasia pura. Mas se insistem. Insistem numa dança da linguística com a filosofia do ato. Do ato na palavra, dito de outra forma, uma disparada. Devorei livros, autores, textos, teoria. E o que mais rolou. Triturei tudo. Misturei tudo. Devolvi tudo. Talvez não reconheçam. Uns são outros. Nada restou como era. Mordi a língua. Engoli sapos. Vomitei cobras e lagartos. Tudo cítrico e crocante. *Gelato al limone*. Foi o que quis fazer. O objetivo, como se dizia. Foi o que saiu. O resultado, como se dizia. Resumir? Não posso. Mas se insistem.

Palavras-chave: **Linguística. Filosofia. Experimentação. Pensamento. Conhecimento.**

ABSTRACT

To write an abstract? Impossible, I would say. A taste, an air, an atmosphere. How to do it? It is easy when the word is linear and the thought narrow. But here? I just surrendered myself no matter what. Pure imagination. But if you insist. They insist on a dance of linguistics and philosophy of the act. The act in the word, said in another way, one shot. I devoured books, texts, theories. And what else came my way. I ground everything. I blended everything. I gave back everything. You probably will not recognize it. What was one thing became another. Nothing is the same. I bit my tongue. I swallowed what I do not know. What I threw up you do not want to know. Everything citric and crunchy. *Gelato al limone*. That's what I wanted to do. The aim, as they used to say. That's what came out. The results, as they used to say. To write an abstract? Impossible, I would say. But if you insist.

Keywords: **Linguistics. Phylosophy. Experimentation. Thought. Knowledge.**

SUMÁRIO

I. VERDES PENSAMENTOS	15
II. VERDES ENCONTROS	45
III. VERDES DESEJOS	107
IV. REFERÊNCIAS	181

I. VERDES PENSAMENTOS

ÁCIDO LINGUÍSTICO

São tantas as atmosferas da língua que talvez não desse tempo ou espaço nestas linhas, mas nem mesmo linhas ou palavras: as cítricas. As doces quase sempre são as escolhidas para depois do almoço. Outras serão até para a madrugada, as carinhosas. Mas as ácidas, essas têm lugar garantido em muitos lugares. Como se sabe, causam gastrite aguda estridente. Aliás, as palavras muito amargas e quando juntas numa atmosfera pouco atraente começam a se decompor causando uma estranha sensação de azedume. Quando saem da boca só sobrevivem por que encontram atmosfera apropriada e são ouvidas com atenção, as doces não. Existe um gosto maior pelo ácido, uma predileção pelo diálogo, quase sempre um monólogo. Um diz outro diz e assim sucessivamente... Poucos ouvem. As palavras tornam-se violentas, pois querem chegar ao ouvido e não chegam. Tornam-se, assim, grossas e granuladas, com isso, quase impossível ouvi-las e se perdem na atmosfera geralmente ácida de um ambiente saturado. Por isso o fastidioso dos diálogos e o desacerto das palavras. Elas estão frequentemente em lugares impróprios. Esqueceram do trato com a palavra, com sua atmosfera. As palavras se reproduzem como fótons de luz e quantas são ditas numa rotação lunar! E a sombra das palavras, as originais? Pra falar de coisas que normalmente não se falam...

OUTRAS ATMOSFERAS

Até antigamente seria fácil definir suspender no ar. Hoje e amanhã uma atmosfera ou nada. Talvez demais das bordas que as definem, se é que a definem. Pegar uma atmosfera na mão: esse é o grande desafio! Tudo começou, no entanto, quando as atmosferas nem haviam sido extintas. Quantas atmosferas existem no caminho entre estar e ser? Das capacidades que circundam o vento. Quando o vento é só vento. E não só a atmosfera livre que aparentemente está solta, no ar. Na água, talvez. As digitais que ficaram longe da suspensão. E a atmosfera era essa: perseguidos por uns por serem cabeludos, por outros por não se interessarem por nada. Essa era a atmosfera reinante nos anos da primavera. Essa atmosfera que presente ou passado enfrentam um futuro de três pontas! Até porque tudo foi feito pelo sol.

LETRAS VOADORAS

Aproximadamente um sabor. De palavras que se materializam num traço. Movimentos que não se poderiam esperar, juntando sabores e gestos, na medida da fantasia dita entre linhas, letras, cores. Uma descontinuidade da forma que se formam as línguas palavras com sentido no sentido do não-sentido. Quase outros contornos com outras fronteiras ditas de outra maneira, letras voadoras. Voadoras sentenças mais do que frases, proposições, “alguém disse algo aí?”. Dizer do não dizer do momento que faz sentido somente no encontro de temas ao encontro de outros dizeres, verdes encontros, formas descontínuas do tempo. Atmosferas, se isso fosse possível. Aproximadamente dito de outra maneira. Traços espalhados no espaço. Espaço de uma forma: inicialmente um caos, mas que transforma um pensamento e transborda numa escrita que devora sentidos, conteúdos e categorias. Se quisermos um querer próximo de um não-querer, uma escrita próxima dos autores que devorados sentem arrepios ao dizer: “digo de outra forma e você?”

Aproximadamente um gesto. Uma linguagem de sabores cítricos, crocantes. Vamos devorar a língua?

GRITO NO ESCURO

Fiz um furo no escuro desses bem cintilantes e demoraste a aparecer toda pintada de estrelas, astros de tamanhos variados, cometas, planetas. Pintada de luz brilhante para os que não enxergam, mas vêem teu deslumbrante ofuscamento. Por vezes mandas avisos inesperados por algum correio celeste, tais como cometas que dilaceram a terra e a parte ao meio. Deixas estragos e até mesmo extingues certa casta imponente. Mas não há nada não, a terra aguenta, aguentou tantos. Atravessei a rua e chegando à praça havia uma árvore morta, estava sendo cortada. Será transformada em banquinhos. Por certo havia um tempo que estava morta, antes mesmo de cair, mas continuava parada, insistindo em parecer frondosa. Nada disso: assim como as estrelas, as árvores se fingem de mortas, sua luz se apaga de tempos em tempos, mas renasce na forma de dilênia, só em abril. Mas o grito, este não foi nem cintilante nem estonteante, disseram que atravessou a galáxia.

NENHUMA LÍNGUA

Foi um grito que rebentou a palavra. Faça isso por mim: bulhufas de preferência. Assim entendemos o mundo: nenhuma língua. De preferência amanhã ou depois, sem data marcada, nenhuma língua; nenhum assunto, depois, mais tarde. Alongue-se, atrase-se, chegue bem depois do entardecer. De preferência no amanhecer do dia anterior, já passou. Não importa. Todo dia nasce para tardar o que já havia sido combinado. Você entende? Nenhum conselho, de preferência, nenhum ruído, nenhum silêncio também. Você sabe a palavra está acamada, rebentada, foi um grito que rebentou a palavra. O grito é preferência por aí, de preferência não grite. É quase balela dizer isso, a palavra está quase sempre consumida pela quantidade de gritos que rebentam com ela. Que língua pode haver no grito? Alongue o pensamento, de preferência não fale ou até mesmo prefira o comum: ganhar no grito. Sabe, você será admirado por isso. Alongue um pouco mais e encontre nenhuma língua. Deixe-se sumir ao vento, sumir a ordem e o infinitamente enfadonho assunto.

LETRAS NO AR

Existe um tecido estendido na cortina da página que se abre que se fecha sem medo sem luz sem cor. A página negra estendida atrás do horizonte. Quem disse que era um leque? Uma letra presa no tecido, mas estendida e branca, como névoa no rio. Acontece de se esvaír no espaço como estrela cadente. Um texto o meio da página, o extremo, a metade da palavra completa pelo aglutinamento nem sempre coerente nem sempre coeso quase sempre inconsistente. Não queremos nada com a coerência queremos muito da lógica, da última lógica do horizonte no arco-íris. Quando as cores fazem festa com a chuva que nesse instante brilha como as gotas soltas no ar. Mas sabe-se da temperatura contra um gesto na música branca que desvia todas as cores para um lugar. Parece estranho principalmente porque tira um instante preciso do corpo no espaço. Por que deixamos transbordar o que as letras pensam que podem, mas nem sempre acertam um alvo. As letras voam como o pensamento.

POR QUE NEGAR O DISCURSO INDIRETO?

Uma formiga viu uma folha. Essa folha servirá de alimento para ela e todo o formigueiro. Através da comunicação por ferormônios essa informação chega até a próxima formiga que ajuda no transporte da folha. A segunda formiga não pode, no entanto, comunicar a mesma mensagem já que não viu a mesma folha que foi vista pela primeira formiga. Nesse caso a segunda formiga, diferente da primeira, não possui condições de comunicar o que não viu para uma suposta terceira formiga, interrompendo-se assim o fluxo de comunicação. Portanto os animais, de modo geral, não possuem uma linguagem, somente uma codificação dita orgânica, justamente porque não pode transmitir algo que não viu. Na linguagem humana não é raro observarem-se a comunicação via telefone sem fio. Por se tratar de transmissão de ordens não se necessita obrigatoriamente a percepção da coisa para transmitir o código, pois a linguagem ou é um discurso indireto ou ouviu dizer?

LÍNGUA B

Cria-se nesta data o Manifesto da Língua B:

1° Constante: uma variável.

2° Constante: cristais de devir.

1° Variável: Ninguém.

2° Variável: um imprevisto.

1° Símbolo: signo X.

2° Símbolo: outro domínio.

1° Ato: tensionar a língua.

2° Ato: conquistar sua própria língua.

AMADOR DE SIGNOS

Queres uma estrutura, um corpo de artista, uma vela acesa?

Estrutura?

Signos e significados?

O corpo do artista fricciona-se no corpo do texto. Quase são a mesma coisa sem ser.

Semiologia?

Não sei responder. Nem tudo possui resposta.

Para amar são necessários símbolos. Alguns usam a poesia.

Erro.

A poesia não serve para amar.

A poesia é ledão engano, escorrega ao caminhar.

A poesia não diz, ela é.

Portanto amador não ames tanto, teus signos irão se esgotar!

Tua estrutura irá se romper, teus signos perderão, vão corroer...

Em compensação nunca amaste tanto!

COISAS COLETIVAS

No corpo coletivo dos sintagmas o “signo”.

No corpo polissêmico do signo, “lexias”.

Como o texto é letra morta, o crítico deve trabalhar o cadáver, cortar o corpo morto em vários pedaços textuais e trabalhar o “cadáver do texto” até vivificar suas partes torná-las linguagem-corpo no corpo-linguagem.

Uma vaga semiologia, busca de anacoluto, esdrúxulas frases.

Brincadeiras de escrever.

Aventurar-se ao acaso para ser devorado pelo não-sentido.

Mas falta algo, algo de falta, já que precioso é decidir, julgar e classificar.

Como pode seu corpo estar aí e não estar aqui, no texto?

No corpo coletivo dos sintagmas?

No corpo polissêmico do signo?

CONOTATIVAMENTE COMO EXCREMENTOS

Quase choca

Escatológico

Embaraçoso

Quase descontínuo: “A assinatura”

Quase nossos: “corpos insignes”

Uma bofetada

Repugnância à la Sade

Poética teológica

As grandes lexias: “O corpo”

O que era pra ser polissemia faz referência, o que tinha traços resinosos aparece claro na palavra. Mesmo assim vertigem é aquilo que não tem fim.

Vertiginosos traços sem dizer sim

Digo não ao sabor que tem fim.

SOBRE O SENTIDO, QUE SE DESLOCA, QUE NOS ESCAPA...

Uma bela pintura.

Vasto elenco de sinónímias.

O sentido está aí, bem perto, mas não pode ser tocado. Uma categoria é outra categoria. Procura de significados associativos, referências bibliográficas, fontes de pesquisa. Um discurso negativo que camufla a afirmação.

Uma bela pintura.

Risco a metáfora.

Belamente arrematada pervertida em linguagem na sub-rubrica da Língua. Se desloca, fugiu, está noutra forma, noutro sentido, tua voz...

Agora, depois de tantas aventuras fecho os olhos e vejo a noite lenta e fria passar como uma canção dizendo “agora não sei mais...” e agora na melodia sente-se uma nova forma de negar o mesmo que se sentia, mas sentia?

Abro os olhos novamente e mais uma vez como nos tempos de névoa tênue, ao mesmo tempo em que a neve traz outras temperaturas no olhar, vejo, não vejo mais, vejo novamente o deslocamento do que era e tornou-se sentido uma coisa e outra coisa e assim por diante quando no movimento se tem coincidência da procura. Diz-se da poesia nova forma ou o que não se sabia no contato com isso que se sentia: uma novidade vinda da colina,

verdejante e fria, como nos tempos que sentíamos o vento arrepiante no olhar.

E deslocou-se escapou mais uma vez... tentou-se em vão prender o que não se pode: o movimento. Não se vai ao tempo do deslocamento, mas o tempo vem aqui e quando se vê no tempo um sentido, ele escapa. Quando se vê no espaço um sentido, ele se foi. Se foi como na música que não pode senão respirar você. Nas canções dos tempos remotos na floresta onde não se pode senão uma possibilidade diante dos sonhos antes e depois das escolhas. Escolher, finalmente, um sentido que se desloca, que nos escapa...

DUAS OU TRÊS CERTEZAS

Uma beleza, ligeiramente horrenda
Um horário, ligeiramente impreciso
Uma boca, ligeiramente torta.
Assim tu te instalas em meu peito
Precisamente no instante marcado
Ligeiramente fora do eixo
Por agora, nesse instante
Vou desvencilhar-me de ti.
Como se pudesse uma certeza talvez duas
Deixar de ter certezas.
Como se pudesse uma duas horas
Deixar de ter horários
Como se pudesse um ou dois amores
Deixar de amar.

COISAS ILEGÍVEIS

Improváveis rabiscos, coisas que querem dizer pouco ou quase nada. Falhas no tempo, não há como enquadrar o que não possui arestas. Mosaico intertextual. Você quer dizer isso ou aquilo, mas muda de ideia. Pensa numa imagem borrada, num paradoxo, ignora a crítica, a imagem e o conceito. Correnteza alucinatória de combinações. Se trocasse as palavras não faria sentido? Que sentido? Existe mesmo um? Ou deveríamos perceber um sentido movimento no alvo atingido no mínimo da palavra. Ou no máximo se quisermos. O quê na diferença faz as coisas que não se lêem, mas que, na página se escreve. Aponta para algum lugar no tempo, talvez o do movimento das coisas ilegíveis, aquelas que dizíamos anteriormente que dependem do mínimo possível. Faz diferença sua falta, na falta que faz o sentido. Mas somente um, já que sabemos que não sabemos.

Um mínimo grafema, coisas que pouco ou nada querem dizer...mas disseram. Disseram que no mundo as coisas são ouvidas pelas mínimas bobagens ouvidas.

Queremos, talvez, formidáveis tratamentos estéticos de signos incinerados.

LINGUAGEM DO SILÊNCIO

Faça silêncio, especialmente com a boca. Sinta as palavras abandonando seu corpo. Uma a uma. Saindo pela pele, pelos lábios, caindo entre os dentes. Pelos poros. Olhe para o chão e quando entender que suas palavras não lhe pertencem mais, sinta a boca calada, os segredos em ruínas, as cantigas destruídas e o derradeiro pingo de palavras cairá pesadamente contento a última:
zzz...

REGIME ONDE OS PRONOMES PESSOAIS SÓ FUNCIONAM COMO FICÇÃO

Digo eu e é por que quero. Quero digo eu, mas a subjetivação está bem longe dos pronomes que aqui descrevo. Quero, eu, uma semiótica mista, onde eu queira dizer eu e a significação ou a interpretação percam a pele. Quando me alimento, quero dizer nós, da interpretação impomos um rosto significante, exalamos um sujeito.

Mas não quero mais dizer “eu”.

Como será sua mudança atmosférica?

Leia um livro, você é um discípulo.

Quero dizer “ a linguagem é caso de política antes de ser caso de linguística”.

PÁGINAS AGONIZANTES

Sofre até a última linha. Desliza pelo risco até a margem. Cai novamente, novo risco. Até o final sofre escorregando. Se não houver pausa, não pára. Infinitamente ocupando letras, preenchendo as cartas. Notícias de além mar. Haverá um tempo em que tudo se transformará em páginas escritas. Um tempo em que os escritores terão transformado a superfície da água em pedra para escrever. E, quando o mundo inteiro for formado por escritores, não haverá tempo de ler.

Suas páginas agonizam quando o corpo se alegra. Na alegria do instante entender que a extensão implica um novo limite. Onde o alcance quer dizer conquista no tempo das letras. Elas se estendem de tal forma numa superfície agonizante branca quase neve e somente às vezes uma letra distende esse olhar que no início era uniforme e que agora, depois das letras, é somente aparência no ar. Ficou pra sempre ali, não pode sair. Agoniza presa se for num sentido que se lê. Mas estendidas no corpo da página saltam na margem que se vê num limite, mas a margem já não era o limite e, quando se viu, a letra fugiu.

ARQUITETURA DE PALAVRAS

Projetado traço foi até a altura. Parou. Desceu em ziguezague.
Deslizou na base. Triângulo amoroso. Reto. Cortado na hipotenusa
não aceita. Incalculável.

LINGUAGEM TOTAL: CREMOSA, CROCANTE...

Outro dia deu no jornal: “Mandaram comer a língua”. Mastigar as letras. Seria como uma moda atual especialmente dos linguistas que hoje estão nos jornais. A língua, não o órgão. Mandaram comer seus comentários. Foram classificados como impróprios. Alguém disse: ninguém sabe falar, no máximo repetir o que já foi dito. Outros dizem não sabem escrever, escrevem o que já foi escrito. A língua linguagem perdeu o sabor, dizem. Qual sabor possui a língua? Não o órgão, a palavra. Uns dizem é cremosa outros dizem é crocante. Outros dizem: é tudo e não diz nada. A linguagem que aprendemos é total, totalmente sem sal. Às vezes uma pitada deixa tudo sensacional. Pitada, aliás, que gosto bom de dizer essa palavra. Pi, ta, da. Outras possuem tais sons, acordes aveludados. Um veludo, outro som incrível. Ve, lu, do. Essas palavras soltas são tudo, dizem muito sozinhas. Sós. Como pode o sabor perder-se ao mesmo tempo em que tantas palavras são trocadas. Ontem o silêncio quase morreu. Mor, reu. Mas o silêncio está aí grudado na palavra ao mesmo tempo em que ela soa. Soa Crocante. Palavra crocante, por causa do r. Lembra sabor também. É quase impossível dizer crocante sem sentir um crac na boca. O crac no ouvido repetidamente... Até fazer sentido, depois, perde o sabor. Mas volta como som especialmente elegante.

PEGADAS SEMIOLÓGICAS

Rastro cheiro marca território. Ouve-se ao nascer você tem que ser alguém. Muitos planos anteriores, muitas especulações. Você será isso você será aquilo. As pegadas estão por toda parte. No cheiro dos lençóis, na cama arrumada, no sofá quatro lugares. Na manhã, segue-se a tarde, a tardinha, depois a noite. Sempre a mesma sequência. Por que não muda: primeiro a tarde, logo a manhã e assim por diante. Outra coisa: o modo de andar. O mais difícil é mudar o jeito de andar é como se estivesse impregnado nas pernas e no corpo inteiro. Qualquer tentativa de modificação é logo perceptível. Fica tão evidente que é melhor manter o mesmo andar. As mesmas palavras? A mesma entonação, o mesmo sotaque, o mesmo acorde, sempre. Assinatura, sempre a mesma, caso contrário o registro pode ser desfeito. Se as pegadas são as mesmas, onde estão as memórias? Na correnteza das palavras? Embutido nos lençóis? Nos cheiros? Em toda parte... Na esquina? Aquela especial esquina que guarda um momento que já passou e está lá para sempre. Uma semiologia de esquina para lembrar um futuro. Talvez o futuro das pegadas que deixarás no andar e andar muito pra quase perfurar a noite e deixar um não sei bem quê na madrugada, uma marca. Por que na madrugada os andares precisam de outros efeitos. Feitos de andares e olhares num nada de luz que atravessa a paisagem, mas uma paisagem sonora onde só os pássaros deslizam como num amanhecer.

ESQUINAS DE PALAVRAS

Cruzamentos excessivos. Todo dia toda hora. Vem. Vai. Vem. Outra vez. Nada para. Tudo fica gravado na atmosfera da esquina. Só enxerga quem vê a esquina com vida. A esquina fala, é preciso saber ouvi-la. Existe uma paisagem na esquina que é bem diferente do resto da rua, uma encruzilhada de ideias, muitas vozes, sotaques. É preciso entender bem a esquina. É preciso ver junto com a esquina o que ela tem de melhor para oferecer: uma bela visão da casa da amada.

Além do mais a esquina é um encontro. Encontro de amigos é melhor marcar na esquina. Encontros na esquina tal: é o melhor endereço. A esquina é o melhor endereço da cidade. A toda hora a esquina é habitada. Nos horários iniciais do dia por pessoas mais velhas que ocupam o banco pra conversas acerca dos problemas do país, da economia; logo a seguir nas primeiras horas da tarde trocam os ocupantes do banco por um grupo novo, normalmente que não pertence a cidade pois esse horário os nativos costumam se ocupar com a cesta. Esse horário inicial da tarde é especialmente o horário das dúvidas: onde fica aquela casa mesmo? Pergunta um. Quando chega fulano? Pergunta outro. Essas dúvidas somente serão sanadas com a chegada dos habitantes que ocuparão o banco a partir do final da tarde. Estes são especialmente ocupantes clássicos, aqueles que conhecem tudo da cidade, perdem seu tempo inclusive respondendo as perguntas do início da tarde, que haviam

ficado em resposta. A esquina fica radiante a partir de um determinado horário e especialmente com a ocupação dos jovens que dominam o banco até altas da madrugada. Todos conhecem a fama da esquina e de seus frequentadores. Todos conhecem na cidade a importância daquela esquina e de alguma forma se não fazem parte dos diversos grupos que compõe o banco da esquina contribuem como podem para que a esquina fique cada vez mais viva. A esquina não para e por ser um ponto nevrálgico da cidade os políticos em época de campanha sabem que as pesquisas devem começar ali, na esquina. Nunca se deve fechar uma esquina, você poderá estar fechando as possibilidades de uma multidão.

SIGNOS QUE NÃO CESSAM DEMULTIPLICAR O PLANETA

Corrida de estrelas. Você viu? Uma cadente! Outra de papel! Estão nos contornos musicais que expressam com a primavera ventos que deixaram pra traz o inverno. Um som interplanetário ouve-se atrás, bem atrás de ti. Por que para ver não precisamos de visão assim como para sentir os sentidos que nos dizem pouco sobre as mãos tocando superfícies da figura na forma. Deformada pelos toques infinitos dos olhares insistem em dizer que vão de um lugar a não sei bem que espaço quando, na verdade, sempre estiveram lá. Tão longe quanto o abismo que separa os planetas ou os uniu para sempre. Quando lembro os planetas lembro estrelas. Porque poderíamos viver em uma estrela e quando quiséssemos trocaríamos de estrela para ver se era diferente. Ruim seria se fosse cadente, cairíamos junto. Onde será que uma estrela cadente cai? Um dia, talvez, poderemos juntar uma estrela caída, reconstituí-la. Poderia esclarecer os motivos de sua queda. Juntos estaríamos com estrelas não fosse seu cintilar a ofuscar uma beleza que se admira de longe, bem de longe, quase nas montanhas. E fugirei contigo no meio da madrugada para, na mesma montanha, contarmos estrelas até que pudéssemos achar um sol no meio da noite.

O SILÊNCIO DA PALAVRA

Havia um tempo da palavra não dita. Um tempo do silêncio vital, onde dizer nada era sensacional. Manter o silêncio da palavra não tem a mesma função que pedir silêncio. O silêncio não é um estado da palavra ou mesmo do diálogo. O silêncio nem mesmo é uma palavra com significado, mas sim uma condição da linguagem na qual nos entendemos. O silêncio é mais, ele é um intervalo. Se a linguagem fosse uma moeda, de um lado estaria a palavra e de outro o silêncio. Para cada palavra dita ou inventada está do outro lado: o silêncio. Como se fosse o outro lado da moeda, pois sem o silêncio a palavra não é completa. Experimente o silêncio da palavra. Reduza o discurso, aposte na escuta. Se uma palavra disser que foi dar uma voltinha, acredite. É possível que a palavra e o silêncio um dia se separem, mas acreditamos que nesse tempo os diálogos serão mais entusiasmados, vivamente animados, com outros significados, altamente quentes e molhados. Estabelecendo um desuso da língua ou uma medida de silêncio, de sossego e uma atividade do ouvido. Como ouvir o ouvido? Pergunte a um matemático. Ele responderá que de dentro do ônibus, observa a multidão, olha ao redor, vive o ruído da cidade, desembarca em silêncio e consegue, subitamente, a fórmula que faltava, a mais elegante. Como é sedutor ser elegante!

O LUXO DO SILÊNCIO

Vertigem de uma alma como que...

Um caso celeste num drama infinito. Do silêncio e da voz. Foram tantas as linguagens postas no ar como por artifícios. E aprender pra esquecer sugerindo uma escrita no corpo e uma linguagem infinita. Num local, fumando espero... ressonâncias espaciais. Ambiências sonoras em extensão, quase livres. E é o que se diz: é um luxo o silêncio!

O DEMÔNIO DO SILÊNCIO

Um silêncio filosófico, a ostentação do consciente e pedidos que transcendem. Adequada previsão exata confirmada pela experiência concreta. Confirmada pelos ancestrais, isto é, não se engana. Comumente se maravilham com um simulador forjado pela experiência cruel de repetir e repetir e repetir. Estado atingido por um simulador subjetivo que não poderia se enganar! Mas se enganou... Agora vamos organizar a caça à Pantera com as armas que dispomos: flechas de alvorecer, por que o resultado da experiência humana não é sua evolução, mas uma ação concreta na experiência imaginária. Aí está a lógica da vida devolvendo demônios aos céus, para fazer do silêncio, outro demônio, seu papel. O resto é silêncio.

II. VERDES ENCONTROS

MUTAÇÃO DE CORPOS EM CORRENTEZA

Seria verdadeira essa teoria? As imagens são pura imaginação? Realidade impalpável, um tanto cruel? Continuamos assim, entre a máxima e o pensamento, entre o sonho e a maquinação.

Disseram que um dia havia uma máquina que projetava corpos, mas que seu gerador foi tão bem escondido que ninguém naquela ilha conseguia saber de onde vinham as imagens. Montou-se uma verdadeira batalha para desvendar o terrível mistério que cercava a ilha. Os corpos eram vistos a qualquer hora do dia ou da noite, em muitos momentos podia-se ter quase absoluta certeza de que não eram programados, mas que estavam ali há muito tempo. Inclusive podiam conversar com os novos habitantes da ilha que estavam lá para uma missão: descobrir de onde saiam esses corpos que percorriam toda ilha, mas que na verdade não possuíam vida, ou seja, não eram reais. Eram quatro investigadores, cada um com sua especialidade, um engenheiro, um capitão, um geógrafo e um psicólogo (que, na verdade, tentava iluminar o que já era brilhante).

Estavam todos atrás de respostas para aquele episódio inusitado. A última manchete no jornal da cidade vinha acompanhada de certo pânico pelo achado que alguns navios haviam feito ao atracar na ilha. Esta situação merecia, portanto, uma investigação adequada. Chegando na ilha, já no primeiro dia, os novos habitantes perceberam que seria complicada aquela missão devido aos

encantos que a ilha proporcionava. Os quatro foram recepcionados por havaianas que lhes entregavam além de flores, drinques sabor de frutas. A tripulação, que, aliás, era todo o contingente do navio, ficou maravilhada com a recepção. Não é difícil calcular que seus pensamentos modificavam a cada coisa que viam de novo na ilha. Era uma mistura de trabalho e lazer, só que o trabalho era, naquelas circunstâncias, um fardo para eles. Como podiam ser falsas aquelas havaianas? “Seriam só imagens?”, perguntavam incrédulos os investigadores. Havia um misto de incerteza e a esperança de que aquilo tudo não passasse de especulações. No entanto, precisavam começar sua procura: a máquina. A máquina poderia estar em qualquer parte da ilha. O geógrafo, utilizando seus mapas, teve uma idéia que logo foi descartada por sua extravagância. Pensou que a máquina poderia estar fora da ilha e que as projeções das imagens eram feitas a partir de um local afastado o suficiente para não ser descoberto. Isso seria quase impossível, pensaram os outros. Mas, sem outra alternativa, os outros já estavam quase convencidos de que poderiam levantar essa hipótese. Fizeram uma ronda usando um mapa atualizado do local. Mediram os quadrantes da ilha cercando suas extremidades, pois pensaram que seria melhor uma projeção a partir de um extremo, se a hipótese fosse verdadeira. Fizeram uma espécie de rodízio ininterrupto para cuidar dia e noite as imagens. Foram um total de setenta e duas horas. Foram cansativas tentativas de seguir as imagens para descobrir sua origem. Passadas as setenta e duas horas iniciais a

primeira hipótese foi descartada. As imagens certamente estavam dentro da ilha. Estavam exaustos, com sede, fome e com muito sono. Deviam voltar para o hotel e deixar que as coisas acontecessem naturalmente, sugeriu o capitão que, de tão acostumado a maluquices náuticas sugeriu que a tripulação aproveitasse os encantos da ilha. Foi o que aconteceu. “Nas próximas setenta e duas horas ficaremos só valendo-nos do melhor da ilha e veremos o que vai ocorrer” disse o capitão. Passadas as setenta e duas horas seguintes, alguns resultados já podiam ser vistos: o geólogo não queria voltar, disse que a realidade na cidade não era mais perfeita do que essa pela qual havia se acostumado, que isto sim que era verdade e que, a partir de agora, não fazia mais parte da comissão de investigadores. Estava desligando-se formalmente. Ele não queria mais verdades, queria apenas viver. Os companheiros tentaram argumentos de toda ordem. Se ficasse naquela ilha seria engolido por uma serpente, por exemplo, e não teria a quem recorrer, não haveria ninguém para prestar um socorro a alguém doente. Como seria? A resposta do geógrafo foi tão evasiva quanto a sugestão dos demais tripulantes, que não pareciam tão convencidos de suas afirmações. “Preferia”, disse ele com uma espécie de liberdade no corpo “ser engolido pela ilusão às frágeis promessas de certezas”. “Por quê?”, perguntou o geólogo, vocês têm tanto medo das imagens? “vocês estão com medo?”. “eu não”, disse ele. Não sabemos nossa real realidade. Contra argumentos, não há fatos, são apenas ilusões ilusionistas.

Não ficaremos mais discutindo o que é verdade, o que é ilusão. Isso é uma linha. Vejam uma linha entre uma aranha e outra. Sabem o que elas estão fazendo? Vivendo. Transformando possíveis caminhos para irem mais além, fixarem-se em algum lugar. Tanto faz. Faremos como as aranhas: fixar e propagar. Como? Como uma teia no tempo. Ficaremos aqui e lá ao mesmo tempo. Os demais companheiros sentiram-se na obrigação de encontrar, o mais rápido possível, a origem das imagens, antes que o próximo companheiro fosse arrebatado.

Contam no continente que aquela ilha foi habitada por novos moradores que chegaram lá para uma missão e não conseguiram mais sair. Pelo medo que aquela ilha causava devido aos últimos rumores as autoridades não permitem que sejam veiculadas notícias e nem mesmo as embarcações estão autorizadas a ultrapassar nove milhas náuticas a partir do continente. Sendo assim, fica claro que as imagens existem na imaginação do povo e a imagem nem é o que se vê, dizia um cego sentado na praça da cidade.

AQUI PALAVRAS DISTINTAS, ALI OBJETOS INDEPENDENTES

Julgamos, parece, um objeto por palavras. Um juízo das coisas. Pergunto se existiria uma forma de retomarmos o contato como o mundo real. Precisaríamos, com certeza, de um esforço novo a cada contato com uma realidade nova ou com um objeto novo, a cada novo problema. Procuramos a integração, partindo da diferença. A diferença das coisas e do espírito que se quisermos está no movimento. Se não estivesse no movimento entre pontos precisos no espaço, as palavras onde dizem que estão então estaria no tempo como na trajetória que faço ao chegar de um ponto ao outro. Mas sabemos, no entanto, que esses pontos são móveis tanto quanto o movimento do pensamento. Não poderia ser de outra maneira. Acompanho o movimento das coisas apesar de parecerem paradas porque nesse instante não agem mais do que mil sentidos dizendo que no corpo, a consciência age. Por que nessa medida reconheço coisas que não reconhecia até então, se não me movimento na sua direção, direção, aliás, móvel, movente, imprecisa. O que seria a vida das palavras senão esse efêmero, fugaz e passageiro: - vem que eu te espero!

UM NADA NA ALMA

Um breu no vão das coisas e é disso que se fala, das coisas que não se disse, mas que se disse do esquecimento que vem, mas a proximidade...

A aderência que dizias há algumas lembranças que ficam no corpo, soltos na mente. Disseram certa vez que na alma tudo passa ou tudo está. Nesse mesmo sentido procuro espaços de desculpas pra num sentido dizer que não digo novamente o mesmo do mesmo do mesmo... estou no tempo como no espaço como na história, mas a verdade é que não há nada que se possa fazer no disfarce que parece que fingimos.

Com isso o que era passado revira um futuro, agora no presente, prepara esse mesmo presente, no corpo, a mente. Agora estamos entre. Entre um algo e uma acontecido porque nisso a vida incide, em ajustar o que não era medida, pressionando o corpo e distribuindo ações que disparam novidades, mas novidades mesmo! Aos meus ouvidos não chegam mais do que aquilo que quero: suaves melodias palavras para um novo alvorecer e te digo suavemente que o medo é outra dimensão. Ou nossa equação ou frequência está na exata medida de um novo dia. Nos olhos que vêem uma madrugada lunar dizer coisas que a chuva contempla, mas não alcança. Na melodia caminhando na chuva se vê um olhar dizendo que não alcança, mas tudo bem. Continuamos bem porque o horizonte não é distante. Apenas isso, apenas não se sabe dizer

uma palavra porque ela não tem tradução. Mas na alma...um nada na alma, não! Prefiro um tudo na alma antes que digam que tenho o avesso do sonho, porque o sonho alcança. Então sonho com um tempo de sugestões para que logo adiante as possíveis coisas da alma, elas mesmas, possam intervir no agora do espaço me dizendo coisas que quero ouvir. Mas ouvir mesmo! Dizendo coisas que os ouvidos não ouvem, mas que na medida do som fez surgir do nada alguém sem voz falando com você. Alguém cantando que a música quer mesmo é unir corpos em outras dimensões.

TUDO QUANTO POSSA SER USADO PARA MENTIR

Afirmar a falsidade é enganar? Neste sentido as palavras parecem estar num estado ambíguo afirmativo defectivo. Nessa pergunta pode-se distinguir ação e subjetivação, o que levaria a uma conotação acentuada dos termos. De qualquer forma afirmativamente é o caso de dizer que dizemos quase sempre a verdade inventando mentiras. Poderíamos nos perguntar em que medida a mentira e a verdade atingem o mesmo patamar retórico numa sentença dita em um diálogo, por exemplo. E como é difícil manter uma comunicação que parta exclusivamente de uma verdade e sustentá-la por muito tempo. O mesmo com a mentira. Uma sentença mentirosa pode ser muito dificilmente sustentada sem escorregar em algum momento de verdade, mas na verdade escorregar nem é tão difícil assim. Num certo sentido, um diálogo comum pode ser sustentado, desde que não demore muito tempo, todo com mentiras ou todo com verdades até que alguém comece a aumentar a verdade ou a diminuir a mentira. Chegará, no entanto, o momento onde os argumentos tornam-se repetitivos demais. Aí as fórmulas para desamararrar a mentira e sustentar a verdade (ou seria o contrário) são infinitas. Tudo poderia ser usado para dizer a verdade? Mentira!

UMBERTO E GILLES

O encontro foi marcado com antecedência. Uma boa quantidade de dias, aliás. Os dois amigos são, para quem não sabe, fanáticos por tênis. O encontro foi marcado justamente para assistirem a final do Gran Slan daquele ano na cidade. Certamente a ansiedade tomava conta e eles não viam a hora de chegar até o local da partida que, por sinal, estava lotado no final de semana mais quente das últimas décadas na cidade. O encontro de fato se deu na entrada do The All England Lawn Tennis Club. Os comentários começaram assim:

– Eu lhe disse, não disse? Ele estaria na final, com certeza! exclamou Gilles. Umberto um tanto desolado por seu tenista preferido não ter conseguido estar naquela final esclareceu:

– Foi o que lhe disse: aquela contusão fez com que na semifinal tudo ficasse mais difícil.

– Tudo bem, eu aceito o argumento, agora vamos, disse Gilles, nossos lugares estão nos esperando.

Seria uma tarde com muitos comentários a serem feitos. Depois, os comentários se estenderiam até bem depois jogo, as expectativas seriam discutidas até o último minuto, com ironia dos dois lados. Não deixariam nada pra trás, nem mesmo os palpites que cada um carregava consigo e que estavam muito bem fundamentados na ponta da língua de cada um.

– Veja, disse Umberto. Essa quadra realmente está à altura de nossos melhores jogadores.

– Pena que nenhum é compatriota. Acho que nossa torcida seria muito mais empolgante, disse Gilles, impaciente para que o jogo começasse logo.

– Ah! Nada disso! Um esporte não possui fronteiras, todos podem torcer por qualquer time.

– É? Diga isso aos Laranjas Mecânicas! Eles são capazes de qualquer coisa!

– É, você tem razão. Agora não temos patriotismos. Você escolhe o seu e eu o meu jogador, fazemos as apostas e tudo bem, certo?

– Ok. Deixe-me pensar: um dos dois é mais inventivo, mais ousado! O winner!

– Se for assim fico com o slice. Quero ver! Já ganhei!

(Os amigos não puderam comemorar o resultado. Nem um nem o outro conseguiu comemorar suas apostas. Naquele dia ocorreu algo impossível: o jogo terminou empatado! Ninguém ganhou, pois uma nuvem insistia em ficar em cima da quadra provocando uma chuva incessante. Os dois ainda ficaram aguardando por um longo período a espera que os céus ajudassem para que a disputa continuasse, mas foi em vão. Após duas horas de espera o anúncio: o jogo foi adiado)

SIMPLES MANEIRAS...

Só pra dizer da censura das normalidades. Um querer mais aproximado de um não-querer. Das coisas que se apoderam de um sentido sem fazer sentido. Por que simples maneiras engendram falsos possíveis e é disso que se trata: falar por falar. Temos como que um medo das linguagens por assim dizer simples maneiras. Temos como que uma regra impondo hábitos e condições à simples maneiras. Para dizer a mesma coisa dizendo de outra maneira. Como simples maneiras atrapalhassem o que realmente faz sentido para dizermos do dizer de forma simples: “nada quero dizer, a não ser o que digo”, dessa maneira. Simplesmente dizendo que as coisas estão para os sentidos assim como a percepção que transforma as coisas na pele. Mas na pele mesmo! Assim, simples maneira no sentido da experiência que não é mais do que a mudança no movimento que se faz em dizer: “mudou”, mas a minha maneira. Uma coisa, simplesmente maneiras, que se distinguem na percepção, pois abrangem pequenas coisas, vibrações. Atingidas ora no corpo que flui, ora no corpo fluido e que se expressa claramente na travessia, meu corpo nas circunstâncias do meio. Por que no meio há um corpo e uma zona de expressão. Faço por assim dizer simples maneiras de expressar no corpo labirintos de possibilidades, como uma caverna na caverna, precisamente na ausência de coerência ou coesão. A divisão ao infinito, a textura infinitamente porosa, sem vazios. O

corpo ao infinito. E na “curvatura do universo estamos como que em três dimensões: a fluidez da matéria, a elasticidade dos corpos, a mola como mecanismo”, como queria Leibniz, a sua maneira.

MOVENTES, VIVENTES

Quero isso perto do fim: o interior e o exterior, o alto e o baixo. Quero um outro critério, um *fundo sóbrio*, de onde se tira tudo. Nas paredes do interior, os objetos a serem desenhados, nos muros, móveis objetos em cenários. Não temos, temos apenas a abertura para o alto e espelhos que irão projetar objetos que não se vê.

Um movimento movente, um vivo vivente.

Um átomo, não, mais do que um átomo, uma captura, onde todas as ações são internas. Não é nada, sim é tudo: apenas um lugar de uma matéria mais sutil. Uma matéria sempre em movimento, nunca acabada.

Uma pérola irregular.

“Uma coextensividade do desvelamento e do velamento do Ser, da presença e do retraimento do ente”, que não se vê mais através da matéria, mas que se lê da alma “dobras amarelas do pensamento”. A combinatória infinita do mundo às vezes visto pela cicatriz de suas inflexões.

Entre a pulverização e a clausura há o vento. Ventilada matéria além dos tempos que se descobre na compreensão do movimento no vivente, do vivo no movente.

ILUSÕES INEVITÁVEIS

Semiquerereres na fraqueza daquele que nega: “sentimos vontade de um pensamento divinamente criador”. Nem mais, nem menos. Trata-se de um déficit do querer, pois a fraqueza é incompatível com a natureza humana.

Miragem, retroprojctor de possíveis. Existe como que um algo mais profundo que nos arrasta e que temos que lutar contra simples erros, falsas soluções, porque mergulhamos e são inseparáveis de nossa condição e nos vemos assim: convocando espíritos.

Só se pode saber o efeito das ilusões quando elas já aconteceram para então lutar contra a algo que, talvez, faça menos sentido. E as coisas de fato realmente se misturam onde estão as diferenças no movimento. Tínhamos suposto um corpo ficcional, um corpo cuja natureza seria mais humana do que natural, a suposição que não se distingue na percepção, mas no erro de pensar num ponto onde as distinções se dão no puro instante. As ficções são a própria experiência.

Minha percepção está para as alucinações verdadeiras, assim como minhas ilusões estão para a razão própria. E, eis-nos aqui, numa linha na qual dos afetos cabe dizer que diferem da linha precedente, além do jeito que não se acha explicação nem na ilusão nem nos termos que se diferem por natureza. Assim, essa presença na nova linha, a da conexão que, ao avesso, pareceria um erro, mas

que na verdade convoca os corpos destacando o quê de possível pode acontecer entre você e um pôr-de-sol laranja. Nas coisas que parecem acabar, mas não acabam ou poderiam estar começando ou não voltam nunca mais.

E eis que percebe-se algo: lugares de vésperas de estrelas onde somente um sentido vai além das experiências físicas. Estávamos prontos para voar não fosse sua visão de mundo sua visão alargada que diz sem dizer o quê no mundo tira o sentido das palavras e coloca o mesmo sentido na ação que é, a bem da verdade, mais ou menos fabulosamente localizável. Pensamos nas ilusões inevitáveis, precisamos de uma espuma de ilusão!

FRIEDRICH E GILLES

- Você ouviu o último comentário? Perguntou Gilles.
- Não, respondeu Nietzsche. Você sabe que meu interesse por comentários é bem pequeno, não sabe?
- Sei. Mas está por toda parte. Todo mundo comenta, é como uma corrente, impossível não ouvir!
- Onde comentam? Quem comenta? Não vejo nada acontecer? Aliás, não vejo nada novo acontecer há algum tempo! Você sabe, as verdadeiras mudanças já fizeram parte da humanidade, mas na época clássica. Depois, não fizeram nada mais do que belas cópias. Deixe que falem. Isso não muda nada no comportamento do povo.
- Com isso, disse Gilles, você considera que as palavras não possuem poder?
- Claro que não. Na maioria das vezes são muito mal utilizadas. Antes de falar deveríamos escrever. O que acha?
- Uma boa ideia. Uma excelente ideia, exclamou Gilles.
- Pergunto a você, no entanto, onde fica a oratória? Sua importância para a política?
- Fica bem guardada aqui, entre mim e você. Sabe para que existe a oratória? perguntou Nietzsche.
- Não, respondeu Gilles.
- Para que eu te convença do quanto sou mais bonito que você!
(Risos)
- Que você é mais bonito não tenho dúvidas, mas como é mesmo

que você usa as palavras?

– Como o vento! respondeu Nietzsche.

– Assim, simples...disse Gilles inconformado.

– Isso, procuro, procuro e escolho. Assim: escolho o vento suave, de preferência. Tente, você consegue. Experimente. Só assim verá.

MAIS OU MENOS CINCO SENTIDOS

RETRATO

Do olho. Pouca é a imagem vista no olho. Órgão imagético. Contraste de luz. A luz e o olho mudam. Um raio e atavios de vapor! Fluido como um feiticeiro escreve frases absolutas. Transparências do pensamento: vê o invisível. Vê muito! O mínimo possível. E é assim que de tempos em tempos temos de ver demais a dilatação da pupila! Pela palavra, por que é de espuma.

TOQUES

Ásperos buscando deslizes. Até platôs faltam o ideal. O toque é no pano penetrante nas fibras do vestido. Tomam a forma cintilante da atriz. O vestido vivo ganha forma no contato arrepio da temperatura. O tecido forma aqui suas relações. Membranas e limites aumentadas as películas penetrantes na beira do toque. Quando tudo, quase tudo são encontros.

PERFUME

Anonimamente um convite alfazema no ar. Aquelas tardes eram mesmo um encontro de aromas. E atravessava a colina na trilha dos perfumes ainda mais na principal região. Seguia o rastro da fragrância que era um sinal um bálsamo para um encontro. Com as letras. Citral da folha lemongrass, capim-limão. Neste momento, cheiroso momento, voam letras pelo ar.

SABORES

Da língua gustativa. Experimenta cada canto numa vontade azeda, amarga, salgada e doce. Cada qual esperando ressaltar umas sobre as outras. Cada qual querendo apagar uma a outra. Como numa batalha onde resta somente um. Lado. Mas do sabor importa o todo. O quanto como. Mastigando roendo roendo até devorar o último pedaço. O último homem. O último estilhaço.

OUVI DIZER...DISSERAM

Aos ouvidos coisas leves.

O murmúrio não era decifrável. Tudo bem não faz diferença. O que importa é o ouvido para ouvir e as palavras para dizer algo de mal entendido. Não importa o quê. Versos de matrizes sensoriais, um pintor dos sons da linguagem. Causa prazer sua decifração. No fim era outra coisa, melhor assim. Palavras pra mim. Não se sabe o que dizer mais. A linguagem não vai, mas algo vem e nessa dança sobram coisas que tentam se encontrar, mas talvez...

Noutra forma, mesmo sem te ver, outras distâncias. Formas de ver não sei bem o quê. Ouvi dizer, disseram coisas leves...aos ouvidos num toque sutil da água contato com a pele. Dizer da água um arrepio saindo do mar. Um arrepio diz mais do que mil palavras e foi isso que foi dito ontem. Tua certa intuição, teus passos atravessando a praia inteira, oceano, maresia. E numa garrafa escreveste o sentido dos tempos onde uma sorte quer dizer encontrar. Encontrar um mundo feito de fibras energia nervo circulação. Que cada toque cada olhar transbordam num contato frente a frente.

Não digo ligo as coisas num sentido da transfiguração, do partilhar numa vida encontros para partir sem rumo em direção ao nada. Num niilismo potente da alma espero sem dizer, nada ouvir dizer...

REQUINTE

A delicadeza é a ação do elegante e sedutor, no corpo. Nada na delicadeza é fraco.

Normalmente os olhos se desmancham como pó na superfície. Na superfície do olhar, como quando a luz atravessa nossa retina. Assim passa de uma delicadeza a outra, de uma passagem a outra, de uma natureza a outra. E não é somente no olhar, como quando o contato é inevitável, diminuindo as distâncias e aumentando o arrepio. Mas o distanciamento parece perder completamente o sentido nestes dias de chuva. Caminhar pela chuva sem rumo é a promessa de superfícies ardentes. Sentir que se é vulnerável no contato, elegantemente propiciado pelo contorno que não é mais do que um pincel. Pincel volátil desenhando formas sensuais. Você sabe, a sensualidade é uma forma descontínua no espaço. Quando confundem-se as existências para destacarem-se o requinte, o toque e a chuva.

DENTRO DE SI AS IMAGENS

Os óculos pendurados na ponta do nariz. A cena, destaque, sala vazia e olhos atentos. Precisava usar essa lente externa que na verdade dava o charme à figura que já era lânguida. Hoje vendo fotografias antigas pergunta sobre a visão alargada pela ocular. A lente pouco continha de aumento e muito alargava a figura. Mas não era só isso a cabeleira branca levemente acinzentada, o chapéu, a bengala e a blusa branca que compunha a aparência como um todo reconhecível a metros de distância. Via pelos óculos voadores. Falava sobre mais do que fazia um mundo sintético literário. Como uma figura ambígua entre o ponto e o espaço em branco, bem claro, no livro, na dança, no andar, no silêncio.

UMA ÚNICA VEZ NO MUNDO

A literatura. A presença. Singular. Atemporal. Falta-lhe tudo, mal informada de seu próprio contemporâneo. Por ela algo passa como seu através. Tudo muda. E estamos na história como um texto que começa a tramar contra as categorias. Revelaria por assim dizer a lógica nova e ingênua interessada em burlar a própria escrita. Era ela a literatura de Mallarmé? Para quê? De que jeito? Você leva um tapa na cara com a paisagem lunar que vê, no texto deserto. No povo por vir, nessa espécie de multidão invisível, que povoa mais a mente, mas que presente corpo-a-corpo atropela toda a escrita e arrebatada o olhar, um encantamento.

MISTERIOSO PENSAMENTO

Fundo inseparável do que virá. E o silêncio, hein? Onde fica nisso? Às voltas com o mistério tendo sido inventado outro capricho. Mistério que não é lenda, tampouco ficou do avesso. Hoje os mistérios estão fora da floresta, muitas vezes cercados de concreto e luz, luz! Um enigma é quase um segredo, mas ainda não é mistério. Misteriosas são as lendas que ninguém explica, apenas aceita. As lendas são fixadas no tempo como se fossem adesivas. Uma trama conversa com a história e transforma os pensamentos. Nunca se sabe se é ou não, se aconteceu ou não, se acredito ou não. E o drama íntimo? O da mente? Evidentemente demais. Misteriosa comparação do papel sem traço e do negro dos astros.

NOTAS NO AR

Vôos de pássaros e sensualidade. Quando escrever num leque é delicado como um pincel voador. Qualquer coisa escrita numa superfície aderente as letras convida ao poema e ao bailado também. Pois o leque vai vem. Dançarino do ar. Repetição de letras estampadas com maestria: “que ser cobra, não é fácil!”

Os compassos não aguentam circular por tanto tempo, os leques sim. Principalmente os leques em branco, potências de devir. O branco assustador, já não é mais do que a morte das palavras, o branco aceita, o negro rejeita, seu monólogo interior.

Não saberemos quando o ar cai na noite, na imortalidade do não. A vida quer a viagem e perder-se num destino espiral, num canto do mundo onde existe outra dimensão. Existe um tempo de razão onde todos querem voar e a vida nada faz além das possíveis notas no ar. Por que um chão se é preciso voar?

O MISTÉRIO DE....

Reprimido protesto: um bocejo. Via os teatros como um insípido momento. Um bocejo. Será preciso uma manifestação mais revolucionária!

Dizer a todos que o que importa é a obscuridade e o imaginado do teatro. A forma mimetizada, ela mesma: uma refinada dama anormal!

Além de tudo é preciso saber ouvir o silêncio da página em branco. Os fantasmas e os panos. O efeito só existe na escrita e na voz, no huuuuu... assustador do devaneio e do rumor. Um novo bocejo como a elipse do verbo, a fala do silêncio e os cantos indianos.

Gostava de escrever ouvindo a música da tarde. Principalmente o ritmo carregava as letras que deslizavam na superfície aderente da claridade e do vazio. Cada letra encaixada quando palavras reunidas e, assim, o peso da letra fixava a tinta, como no pensamento: elimina o acaso para omitir o autor.

CORRESPONDÊNCIA AO CLUBE DE CRONÓPIOS DE ESTOCOLMO

Chegou ontem a carta. Mas para abri-la era necessário um cortador de papel de origem histórica. A carta foi entregue em mãos ao presidente do Clube. “Que alegria poder entregar a carta, sair correndo pelas escadarias, chegar em frente à avenida, decidir para que lado ir e finalmente dispersar-se”. Mas a alegria do Presidente não era a mesma, deixou isso claro ao receber o envelope e ler o emitente no verso. Havia algo de assustador no seu semblante que foi apagar-se apenas quando a carta foi finalmente aberta. O conteúdo da carta poderia trazer complicações para todo mundo. Como o cortador de papel não estava em sua mesa pediu a sua secretária que providenciasse um. Aquilo poderia levar alguns dias para acontecer, pediu urgência. A secretária, atendendo a solicitação do presidente, ordenou a compra imediata de um cortador de papéis. A origem do cortador de papel custou à secretária algumas pesquisas em livros da biblioteca do Clube e alguns telefonemas. O funcionário designado para tal tarefa entendeu a ordem como se fosse uma obrigação vital e disse que voltaria somente quando estivesse com o material em mãos. Foi o que aconteceu. No entanto, essa tarefa não foi nada fácil. O único lugar na cidade que ainda comercializava esse tipo de produto, tão em desuso ultimamente, ficava muito afastado da cidade o que custou quase todo o dia do funcionário. Quando, finalmente, tinha

em mãos o objeto, entregou-o à secretária. Esta olhou fixamente para aquele material tão estranho e disse: - Para que diabos alguém precisa de um cortador de papéis de origem histórica? Como não haveria resposta para sua pergunta resolveu entregar logo o cortador de papel de origem histórica e voltar para seus afazeres que não eram poucos. Finalmente a carta poderia ser aberta. O Presidente no fundo esperava que sua secretária não fosse tão eficiente para que aquele momento de abrir a carta se estendesse um pouco mais. No entanto, havia chegado a hora. Abriu o envelope com o cortador de papel de origem histórica, enfiou os dedos dentro do envelope e retirou uma pata de aranha.

LUGARES METAFÍSICOS

Cultura e natureza contíguas

Espaços vazios ainda

Já havia estado lá sem ter estado

Horas de quietude e silêncio

Por isso eram tão largos os olhos de Júlio

Por que viam coisas paralelas

A contiguidade dos seres

Por um espaço não mais vazio

Por um espaço movente

Véspera de realidade

Vibrante

Diálogo de humores

Invisível para os que não têm fé em Cronópios.

JULIO E JORGE LUIS

Julio: Você viu Cronópios por aí?

Jorge: Hoje não. Acho que estão programando algo. Nossos amiguinhos foram vistos brincando junto ao rio. São úmidos e gostam quando a maré está alta.

Julio: É possível, mas estou preocupado. Já há alguns dias que não parecem. Tínhamos combinado um encontro de despedida.

Jorge: Ah! Você não ia convidar-me para essa festinha. Ia me deixar de fora desse acontecimento. Não considero você um amigo de verdade.

Julio: Por quê? Isso não é verdade. Ia chamar você quando tivesse a data certa. Todos serão convidados.

Jorge: Todos? Todos quem?

Julio: Ora, você, Edgar, Gabriel, Octavio, Adolfo, todos... Vocês precisam conhecer melhor Cronópios. Acho que não estão convencidos da importância dos Cronópios para o planeta e esse encontro seria muito importante para mudar essa situação, não achas?

Jorge: Sim, claro, mas era preciso que você chamasse seus verdadeiros amigos o quanto antes. Algo me diz que esses amiguinhos estão de partida...

Julio: Não! Não fale isso. Vou fazer o possível para encontrá-los. Aliás, sei bem onde ir e o momento certo para achar meus amigos. Por acaso quer vir comigo?

Jorge: Seria um prazer, combinamos tudo hoje.

O encontro com Cronópios foi marcante tanto para Cortázar quanto para Borges. Ver aquelas criaturas verdes, experientes, com tantas histórias para contar deixou-os muito felizes. Ficaram a contemplar Cronópios que recitavam ao longo do rio “Plano para um poema” que dizia mais ou menos assim: “...que o vento faça ponta nos lápis de chumbo do escriba sentado...”.

ARRABALDES

Cenários ao redor. Certas casas. Certos lugares, úmidos, cinzentos, ao vento, ao sul. Sereno e frio. Gotas brancas da manhã. Esperava o sol nascer e o brilho do olhar aumentava o pensamento. Era tão largo o horizonte. Podia-se ver até o entardecer quase tudo. Tua primavera também. Velozes campos e cheiroso frescor. Era como amanhecer todo dia em outro lugar porque era largo o pensamento. O sul.

E pensava sempre ao contorno dos ventos e dos relevos, quase escassos, quase multidões. Esperava o assovio do vento no fim do dia. Vinha lhe contar as coisas que tinha atravessado, carregado consigo. Aprendeu muito com os ventos. Aprendeu que as coisas nunca são fixas, principalmente os desejos.

Outro dia o vento trouxe lembranças de quando queria ser um pássaro e pegar carona. Pegou.

Viajou para tantos lugares, sua lista é imensa. Lembrou do ilimitado das coisas e carregou a única que tinha: a certeza de ser um forasteiro.

MEMÓRIA DA PALAVRA: MEMORIOSAS

Vamos: uma idéia nova! uma identidade, um Édipo, mamãe-papai, por favor!

Não pode ser que não haja nada, um esquema, um tema, um dilema.

Coisas que possam ser nomeadas: nome e sobrenome.

Ninguém não vale.

Ninguém? esse é teu nome?

Não possuis registro de nascimento de casamento de colação de grau de óbito.

Como pode?

Nada.

És um nada?

Mesmo assim pertences a uma raça a uma cor precisas um nome.

Terás um:

Funes

Além disso, te dou uma memória, mas uma memória das coisas que se repetem, e se repetem e...

Lembrarás de tudo:

Lembrarás dos dias e das noites,

Do sol,

Da chuva,

Do inverno e da primavera.

Nosso verão é triste, por isso, não te recordarás do verão! Mas, o

inverno é bucólico, inspirador, ventoso e não neva.

Terás o tempo ocupado contemplando o inverno e suas nuances.

Terás férias quando o verão chegar e descreverás tudo na primavera no outono juntarás folhas, pois elas teimam em cair...

MEMÓRIA DA PALAVRA: NÃO TEMOS MAIS MEMÓRIAS

Hoje Funes descobriu que tem um corpo e que nesse corpo estão escritos ou inscritos todos os fatos de sua memória, mas não as memórias banais, essas que são usadas para decorar algo e depois reproduzi-los. Não, ele descobriu sua memória inteira, as faces da vida toda, quantas possa envolver. Percebeu isso porque resolveu andar por seu lugarejo de uma forma nunca antes vista. Resolveu começar pelas ruelas onde morava sua tia, tia Carmelita, que, na infância, fazia com que ele andasse longas horas para colher maçãs. Funes não gostava de colher maçãs, preferia ficar observando o movimento dos passantes exatamente na frente da casa de tia Carmelita, que possuía uma longa varanda onde algumas cadeiras foram dispostas exatamente para confortar quem, por longas horas, pudesse sentar-se e apreciar o movimento. Poucas vezes, lembra Funes, pode ficar ali sentado, contemplando um fim de tarde e o retorno da vizinhança para casa. Gostava mesmo era das histórias que ouvia. Essa lembrança que hoje percebe era exatamente de ter vivido um tempo que se movimenta na medida do passado, empurra seu presente e cria seu futuro logo ali...na varanda. Sente também uma nova temperatura em si como se pela primeira vez conseguisse atuar em sua própria história porque sua consciência está no movimento, no seu movimento. Nem pensou em voltar à casa da tia Carmelita, apenas sentiu que

seu futuro vem de tantas formas que se arrastam pelo corpo pedindo que na ação transborde um pensamento. Funes não se crê mais um memorioso, tenta de outras formas inventar um fio que conduz sua memória no corpo e sente que agora possui um verdadeiro caminho. Seu norte é o sul. Nosso norte é o sul.

FRIEDRICH E MICHEL

– Como consegue caminhar tão depressa! Para cada passo seu preciso quase correr! disse Foucault.

– Meu preparo é muito melhor do que o seu, meu amigo, apesar de minha idade avançada, afirmou Nietzsche.

– Pois estou vendo. Você parece voar com suas pernas. Desliza como se estivesse numa competição!

– E estou, disse Nietzsche. Meus passos são como meus pensamentos. Quanto mais exercito, mais me aprimoro. Já vocês, pós-modernos, são uns sedentários. Por isso não conseguem acompanhar-me. Mesmo tentando muito, não conseguirão.

– Em termos, Nietzsche. Acredito que suas pernas até seria possível de acompanhar, já seus pensamentos, confesso que sinto um cansaço imenso para acompanhá-los. Acredite meu amigo.

– Acredito. No seu século as coisas são bem diferentes. Não consigo entender como podem trocar as próprias pernas por cavalos com rodas? Em todo caso, você será muito útil. Digo isso por entender muito pouco essa dita separação entre mente-corpo. No meu século o homem é inteiro. Não possui distinções aparentes. Andar e pensar são uma coisa só. Sabia?

– Não. Se ando não penso. Se penso não ando, disse Foucault.

– É por isso, afirmou Nietzsche, que suas pernas precisam de rodas! Quais são as rodas da sua mente?

MICHEL E FRANK

- Escrevi um livro a seu respeito, disse Foucault.
- Não diga, a meu respeito! Fico muito grato.
- De nada. Na verdade não sei se fiz o certo. Acredito, no entanto, que fiz o melhor que pude.
- Você fala como se tivesse sido uma tarefa muito sufocante, afirmou Kafka.
- Não digo sufocante, talvez arriscada.
- Não diga, você escreveu sobre “aquilo”? disse Kafka num tom apreensivo.
- Oh, não! Sobre “aquilo” não! Não tive coragem, além do mais você pediu tanto através de suas cartas para que “aquilo” não fosse divulgado que fiquei impedido de fazê-lo. Mesmo assim, acredito que você não poderá impedir que isso venha à tona algum dia. O que acha?
- Tudo bem, desde que eu já não esteja mais aqui, afirmou Kafka.
- Como assim: após sua morte tudo bem? Posso esperar então... você autoriza?
- Autorizar não, mas você sabe. Ninguém pode impedir uma caneta de deslizar no papel. E está parecendo que você quer que eu morra amanhã mesmo!
- Não, nada disso! exclamou Foucault, quanto mais você vive, mais tenho assunto!
- Você acha? disse Kafka.

(Começaram a rir sem parar. Depois disso não se tem mais notícias sobre qualquer entrevista entre Foucault (pai) e Kafka. Alguns dizem tê-los vistos entrando na casa nº 22 da Travessa Dourada, em Praga. Não foi divulgado o ano do ocorrido).

TRAÇOS

Esboçando fonemas como elementos da língua. A língua em estado de variação. Como? Como as palavras supra-segmentares (ausência de constantes). Traços não-distintivos (pragmáticos): um estilo. Assim como Barthes em “Fragmentos”, adorável! Eles vêm da diacronia que se opõem à sincronia, tornando performático o que era “competência” da língua. A língua em estado de variação. Traços constantes que, inicialmente, pareciam ser a única maneira de estudar a língua. Mas “as constantes não se opõem às variáveis”, assim como em Deleuze. A língua é corroída pela fala. Categorias e distinções não se aplicam a linguagem. Uma língua menos é tudo que escapa. E não haverá uma língua que não esteja desde seu nascimento em estado de variação, com características que a leve até um empobrecimento da língua. Assim, não haverá uma língua maior sobre uma menor, mas uma restrição das constantes da língua. Uma pobreza ou eclipse constitui uma paráfrase movente para desenrolar um continuum. Não há ponto e sim linha, não há notas e sim música.

ROLAND E GILLES

– Outro dia fui a um desfile de modas. Aquele ambiente é todo diferente. Na França as pessoas acreditam que são elegantes. Isso parece exalar de suas peles. Para mim está claro que num desfile de modas é isso que se espera: uma boa demonstração de patriotismo, disse Roland.

– Com certeza! Nós franceses somos belos e elegantes e não é só isso, talvez sejamos os melhores de todos os tempos! exclamou Gilles.

(Risos)

– Se fossemos entrevistados hoje, seria um perigo, não acha Gilles?

– Claro que sim. E logo após um desfile de modas, muito mais!

– Nosso futuro será esse? Analisar modelos esbeltas com aspecto de cabides carregando roupas tão justas quanto sofisticadas? Perguntou Roland.

– Não sei, mas na época de Marx também a moda era uma marca da sociedade. Isso é algo recorrente para nós. O corpo parece ser um cabide que recebe as roupas de uma época, num determinado espaço e lugar, disse Gilles. E as quantas vezes Marx deixou seu casaco como garantia para poder continuar a escrever?

– Mas agora, vendo esse espelho que está bem a minha frente vejo que estou completamente fora das regras! Preciso urgentemente de um Personal!

– Personal do quê? pergunta Gilles.

– Ah, você não sabe? A última moda: stylist. Preciso mais do que isso: preciso alguém que me ajude a formar uma figura estranha aos meus olhos! Se “as formas são elementos distribuídos no tecido e reforçados pela cor, a cor poderia mudar um padrão,” que tal?

– Surpreendente. E na forma, quem é mais subjetivo ou significativo, o tecido ou a cor pra você?

– Boa pergunta. Ouvi dizer que “nos padrões da moda há certo apelo sinestésico” achei ótimo isso! Como se o tecido tivesse algo vivo, tátil, olfativo, sabe?

– Bela teoria! Gostaria de ver tudo isso na passarela! Exclamou Gilles.

Os amigos estavam muito entusiasmados e saíram pelas ruas de Paris. As luzes começaram a ascender o pensando dos dois foi simultâneo: “Paris é bela!”

AS LETRAS DESTE SÉCULO PASSADO

O século vinte? O século vinte começou na França. É o que dizem os artistas. Por que a solidão nasceu na França e um francês gosta da solidão, pois ela faz parte de sua natureza. Alguns países que não entenderam ainda a solidão não pertenceram a este século passado. Não é o século que é da solidão são os franceses que gostam da solidão e por isso o século é francês porque os franceses sabem ser solitários e isso faz deles seres do século vinte. Os demais países que ainda não sabem o que é ser solitário ficaram no passado ou tentam ficar no futuro com uma urgência que os confundem, pois ora acreditam que são modernos demais, ora estão às voltas com tradições milenares tais como a muralha da China. O século passado é francês. Pois os franceses chegaram antes ao século passado já que possuíam o necessário para o século: a solidão. Todo francês sabe ser só, uma criança francesa sabe. Sabe que nos primeiros passos alguém vai guiá-la, mas depois seus passos serão só seus, como deve ser. Então os franceses chegaram primeiro ao século vinte. Os demais países chegarão um dia ao século vinte ou então seus autores inventarão uma nova França. Mas a solidão dos franceses, por pertencer a sua natureza, nunca os abandonará. Não se sabe se o século vinte e cinco será da solidão, então, um francês sofrerá um bocado, pois sua natureza será aviltada. Dificilmente a solidão sairá do corpo de um francês. Agora o século não é tão solitário, mas é mais virtual. Será um

francês virtual? Mais que qualquer outro povo a França é virtual porque na França as letras possuem uma vanguarda poética. Toda poesia por ser virtual poderá, então, ser francesa, sem nenhuma dificuldade. Os séculos então serão todos franceses, pois a França não é um país a França é um francês.

MÚSICA E CIVILIZAÇÃO

Muitos dizem que a música do mundo tem a ver com as misturas. Muito apropriadamente a música é uma mistura. Sentir a música significa aventurar-se no desconhecido. Para entender isso devemos perceber o quanto a civilização matou a música, desde suas épocas remotas até os tempos atuais. Quanto mais civilizada a sociedade, menos musical ela é. As florestas foram a primeira habitação da música. As músicas da floresta ativavam a capacidade humana de aventurar-se e ir um pouco mais adiante. Quando chega a civilização a música fica um pouco mais pobre, pois a música tem a ver com os riscos da vida. A música não é monótona só quando tocada em ária, quando civilizada também. Como a civilização se aproxima muito da ordem, do controle e da certeza, a música perde espaço. Vê-se isso muito bem na monotonia da música civilizada dos povos civilizados. Imagine que muitos povos civilizados se divertem basicamente com sua mesma música, a mesma marchinha que, com muita frequência, foi composta em épocas de guerra. A guerra não produz somente morte, música também. A morte não produz somente guerra, música também. É um desconforto que pode ser amenizado com música. Mas uma música pobre. Às vezes, quando um lavrador perguntava como ia a guerra para um recém-chegado da cidade este dizia: “estão carregando máscaras contra gás”. Ora, isso agora virou moda, assim como “Music In the Air” e um soldado do front nem sabia

que essa música era sucesso na rádio. Assim mesmo os países civilizados continuam a fazer menos música do que os demais países.

ALICE

Entrou no quarto e eu estava me preparando para dormir quando Alice disse, tive um pesadelo, posso contá-lo a você? Preciso, parece estranho, mas quando conto eles saem de mim, disse ela, eu disse pode sim, sente-se e ela sentou-se a beira da cama. Eu fiquei sentada olhando para ela e disse oh você está suando e faz muito frio hoje, é, disse ela, sempre quando tenho pesadelos acontece isso e esse pareceu diferente sabe, eu estava debaixo da água, havia uma porta onde eu deveria atravessar e havia uma espécie de guarda que perguntava coisas para que as pessoas pudessem passar. Eu estava ali respondendo a ele, mas como havia duas mulheres com crianças elas deveriam passar primeiro, mas as crianças começaram a sentir falta de ar e aí tiveram que emergir e eu fui acompanhá-las. Mas você estava com falta de ar, perguntei eu, ela respondeu, não! Eu estava há muito tempo ali esperando e não precisei respirar, não respirava de verdade, ou respirava de outra maneira, sem pulmões. Ah, muito interessante, porque inicialmente achei que fosse uma desculpa pra que você fosse respirar junto com os outros, mas não era, perguntei. Não, disse ela, eu simplesmente estava esperando que elas passassem pela porta que eu também queria passar, mas as crianças começaram a sentir falta de ar, na verdade todos eles, mas eu não. Certo, disse eu, você sentiu que isso era um pesadelo ao acordar, por que não está parecendo nada muito assustador. Sim, disse ela, senti a sensação

do afogamento só quando acordei, antes não. Enquanto estava no sonho não precisei respirar, é muito estranho, não respirava ou respirava normalmente, não sei. Mas o verdadeiro pesadelo não era esse, por que voltamos a submergir todos nós e o homem continuava parado na frente daquela porta. Meu desespero começou, disse ela, quando percebi que a água estava diminuindo e ia ficar sem ela, íamos todos voltar a respirar. A maré estava baixando, perguntei eu, sim, disse ela. Então nesse momento comecei a me desesperar e não conseguia passar pela porta de maneira alguma, aquele homem impedia os movimentos de quem quisesse passar por ela. Aí acordei, disse ela. Estou aqui encharcada. Talvez molhada como se estivesse ainda no sonho. Era, agora lembro, um castelo onde queria entrar, disse ela, com um olhar de mistério no querer.

PANTOMIMA

Histórias para enganar. Se é disso que nos ocupamos. Um verde mar que quer dizer menti pra você ao dizer verdades como um ponto em uma gota. Os corpos orgânicos não dizem nada sem abrir-se para todo um teatro das almas nas sementes. Vejo e vi uma cor no horizonte na direção daquele que diz que um inseto mesmo cortado em mil pedaços ainda assim está a salvo daquele que o dilacera. Mas aí vi um problema: tudo se torna corpos humanos? Se na natureza não estamos. Estamos? Em um *plica ex plica* de massas e organismos, de amontoados e viventes, nessa mesma natureza que não parece nossa, mas é. É? Mas como não seria se estamos entre, necessariamente, um “corpo organizado e uma operação ordinária ou extraordinária de Deus”. Não se duvida, só se *a plica*, na história como uma arte das sombras. Um faz de conta pra dizer que estamos na verdade assim como estamos na natureza e se quiserem um *axioma* eu faço. Ou peço emprestado pra dizer que na mudança do teatro só queria dizer: enganei você, mas era você que estava na sombra à deriva do corpo, no princípio imaterial da vida.

OXFORD STREET VIRGINIA

Era inverno sempre era inverno em Oxford Street. Qualquer dia do ano era frio como num lago do outro lado da cidade. Oxford só não tinha fama de congelante por que as pessoas fervilhavam em suas calçadas, os carros do início do século partiam em direção ao cais e isso tornava a rua uma espécie de passarela de automóveis desfilando os últimos modelos da indústria automotiva. Muito mais que congelante era passear pelas ruas adjacentes e era um momento para sobreviver ao resto da cidade. Pois a rua era freqüentada pelos amantes preferiam se encontrar em Oxford. Era uma rua apaixonante. Muitos se perguntavam o porquê da atração infinitamente poderosa que a rua exercia sobre quase todos ali. Todas as coisas daquela época londrina surgiam de encontros de cenas londrinas. Mas Oxford Street continha algo a mais, talvez um suor humano em meio ao gélido alvorecer, encontros que só ali poderiam ser possíveis. Casas, bares, comércios que atraíam pessoas de todos os lugares, mesmo se elas não admitissem frequentar aquele lugar. Oxford admitia tudo, por isso era tão aceita. Você podia ficar ali só admirando os transeuntes, adivinhando como aquelas pessoas chegaram até ali e por que precisavam estar ali. Até mesmo um vendedor de tartarugas. Um vendedor de tartarugas precisa ficar ali, alguém pode encher suas sacolas de todo tipo de produtos da Oxford Street e depois colocar uma tartaruga em cima de sua sacola. O vendedor deve estar ali,

disso depende seu próximo jantar. As coisas mais belas podem passar por uma rua quando se está passando pelo século e admirando uma bela mudança. Isso está acontecendo em Oxford Street Virgínia.

NIETZSCHE E KAFKA

- Olá Nietzsche, como vai você? disse Kafka.
- Confesso que estaria melhor se não estivesse aqui.
- Ora, por que diz isso? Achei que gostava dessa cidade mal cheirosa, onde os ratos estão por toda parte. Aliás, Praga é uma bela cidade para se criticar, não acha?
- Estou pouco interessado na cidade ou em seus habitantes. Precisei vir até aqui somente para solucionar uma dúvida que está intrigando minha mente há tempos. Acho que nós poderíamos chegar a um acordo sobre essa questão. O que acha?
- Primeiro preciso saber qual é essa questão. Ainda não possuo a capacidade de adivinhar os pensamentos, ouviu? Ainda... argumentou Kafka.
- Bem, nesse caso vou expressar minhas indagações, mas peço que não me interrompa até que tenha terminado. Não costumo ser interrogado antes de expor minhas ideias de forma completa, entendeu? Portanto, tenha paciência. Minhas dúvidas podem ser as suas também e acredito que possamos chegar a um acordo, certo?
- Muito bem. Tentarei prestar muita atenção. Comece.
(Este é o momento em que, na cidade de Praga, ocorre uma das mais volumosas chuvas dos últimos tempos, sendo assim, os dois amigos precisaram sair correndo em direção a um abrigo já que nenhum dos dois possuía guarda-chuva).
- Minha questão é essa. Disse Nietzsche.

- Qual? perguntou Kafka, pensando que não tinha acompanhado o raciocínio do amigo. (Já estava, em seu pensamento, culpando-se implacavelmente pela distração).
- Por que ninguém sai com guarda-chuva de casa sabendo que irá chover?

UM MÉTODO PARA CONFRONTAR AS PALAVRAS

Kafka contra Édipo. Temos um método: nenhuma significação. Esperavam um sujeito, um predicado, uma subjetivação, mas não. Deixaram a alma vazia, desconfiada, perdida. E lutar contra um sentido, contra tentativas de Ser. Mas Ser dobrou a esquina. Foi dar uma voltinha... não quer saber. Não é um inseto uma representação de pessoa, uma pata, uma asa, apêndices. Um inseto uma delicadeza estética. Você não compreende, não quer ser um inseto. Mas não se trata de escolhas. Um inseto é todo mundo quando não se é humano. Os dois pés andam juntos para determinar um corpo ereto que transfere o peso para duas junções do corpo. De repente surgem asas que impedem a queda, a gravitação, você entende a maciez? Leveza quer dizer alcance, não pela velocidade, mas pela sutileza. Você prefere voar? As palavras podem ajudar. Especialmente se você esquecer o sentido carregado por elas. Observar o jeito das palavras, como elas se distendem ao longo do texto, seus métodos para dissuadir o leitor. As palavras são um pouco armadilhas, mas depende daquelas que você prefere. Mas são armadilhas de sabores onde pode, talvez, uma doce delicadeza. Existem algumas palavras mais coloridas do que outras e, dependendo da junção que elas fazem acabam determinando um enredo. Existem alguns resultados desastrosos: aqueles que querem que Kafka se enterre na história do pai, que possua uma identidade a qualquer preço, neste caso perderam aqueles de entender que o

preço não é um pai, mas um começo. E começar de novo a juntar palavras e arranjá-las como numa partitura, polifônica preferencialmente, se não ao gosto do freguês que, aliás, é polonês.

DEVENIR

Descrição de um combate: primeira parte, múltiplas aparições de um grito. Gritar para se ouvir gritar. Ouvir o grito até ele tornar-se calado. Um homem dentro de uma caixa fechada. Processo. Um tom. Não precisa vir de um homem, mas de um inseto a sofrer. Segunda parte, outros ratos assoviam ao redor, mais que música, um murmúrio, expressão sonora. Terceira parte, diferenciar-se. Uma fuga, uma simples saída, pra direita pra esquerda, mais, mais, um pouco mais...uma linha. “Acreditamos apenas em uma política de Kafka”.

Adorou fazer isso, adorou porque foi diferente inclusive percebia o espanto no rosto daqueles que percebiam, não sei, um olhar distanciado e acho que os efeitos foram finalmente percebidos. Se não, viajar até Balbec subir na carruagem atravessar os campos e dispor-se a aventuras tão impressionantes não teria valido a pena. E estava em jogo tudo que não se sabia, a 2ª Guerra Mundial, perdi meu avô, quero ouvir Morel ao violino. Sua analepsia era escrever, escrever pelas paredes se assim fosse preciso. Preciso mais dos vestígios de cheiros, das paisagens, dos ruídos ou mesmo das sensações tácteis, preciso a natureza da arte. Despir-me para minha amada que me trai com outras mulheres. Neste assunto não queremos estereótipos, Barão de Charlus disse: “somos todos multifacetados”. Queremos uma ambigüidade, para sermos mais precisos, uma transposição de gêneros e se fosse possível o fim dos

clichês. Não temos mais do que atos agora, uma disparada de visões e sabores. Pelo tempo perdido constantemente capturado no sentido de um grande painel de sensações fugidias.

CARLOS E JULIO

Tchê, Carlos, vá você! Hoje represente nossos escritores sudeños naquele Colóquio. Você, só você é ouvido entre nós e o preferido nestas bandas do sul. Você possui o dom da palavra. Gostaria que você fosse, mas se não puder representar um grupo tão heterogêneo, faremos de outra maneira.

Carlos gostava das improvisações, de dizer o que lhe vinha à cabeça, por isso foi eleito por unanimidade entre os demais escritores. No entanto, pensou ele, num colóquio tudo deve estar pensado com antecedência. Estava cansado das palestras, preferia as conversas. Ao mesmo tempo seus amigos tentavam convencê-lo e isso despertava nele certo sentimento de utilidade, era como um serviço prestado a sua pátria (ainda mais naqueles tempos). Um espírito nacional surgia em seu peito e deixava seus argumentos moles demais. Foi convencido pelos amigos a ir naquela noite. “E vocês, vão ficar fazendo o quê?” Perguntou Carlos. Nós, respondeu Julio, ficaremos aqui torcendo por você, evidente! Tomaremos uns goles, enquanto isso, fritaremos alguns peixes e escutaremos música para celebrar sua coragem. Não seja debochado, disse Carlos, que desisto agora! Alguém deve dizer alguma coisa, outro dia perguntaram-me em que pé está o boom da novela mexicana. Tive que responder que os aliados preferem que a novela seja universal e não apenas Latino Americana. Mas você tem razão Carlos, argumentou Julio, estamos num país diferente defendendo

coisas estrangeiras, enquanto nosso país está consumindo coisas estrangeiras, não lhe parece um pouco estranho? Isso torna tudo universal? Não sei, disse Carlos. Eu sei, vamos fazer Chilli e guardaremos um pouco pra você amigo!

III. VERDES DESEJOS

VAGA-LUMEAR

A mais vaga tênue e válida palavra. Perde-se no vôo luminoso. Pensei que posso dizer o que quero de modo verde. As palavras dependem muito do ouvido, do outro lado, do leitor. Por isso gosto tanto dos encontros, por parecerem verdes, no vôo frenético do pensamento. A luz mantém o foco justamente e alguns conceitos ficam piscando. Na natureza do encontro líquido. E sumir.

Lembrei da energia pra dizer que os encontros podem ser encontros-verdes. Pelo ar nos corpos como meios entre uma sensação e um movimento.

MUNDO DE COISAS

Mundinho destemperado. Especialmente o de antigamente. Eles acreditam que tinham mais substância, mais consistência, mundinho de coisas. Será atualmente que esse mundinho tornou-se pior? Por que agora tudo está piorado? Neguinho não professa os bons costumes. Quais são mesmo os bons costumes? Mundinho ordinário. Cada vez mais inventado, cada vez mais meloso, esfarrapado.

Acabou! São insetos pisoteados. São os mesmos que viviam guerreando, espadachins mal acabados. Um mundinho pouco acertado como de resto o mundo mesmo, em todos os tempos. Ora, fazer um mundo não depende somente das palavras que serão ditas num momento. Dependendo até cola, mas não é sempre. Veja o mundo das coisas, das coisas do mundo uns dizem o cinema é americano, mas com que certeza essa afirmação e os noruegueses onde ficam nisso? E quanto à literatura, esse é um mundo a parte, particularmente quando se busca uma definição isso torna tudo muito restrito. É um mundo de animais, escritores animais, sempre à espreita, nunca tranquilos. Bichos selvagens a procura de um mundo inventado para dizer não o seu mundo, o mundo humano. Num mundo literal se diz real, mas as realidades são tão tênues, acabem de desabar junto com alguns prédios do outro lado do mundo. E o que era tão sólido? Um mundo sólido? Especialmente o de antigamente? Nenhum mundo pode ser sólido. Não combina

com a humanidade viscosa. Desde o nascimento do mundo é assim, com viscosidade é a vida. Além dos encontros que sem eles não somos nada. Encontrar as palavras certas, especialmente as mais antigas, para ver se é algo inverossímil. Completamente inventado, assim como todo o mundo. Nenhum mundo pode ser só ilusório se não for real. Mundo de coisas reais. Mundinho que existe pelas coisas feitas e desfeitas. Pelos desastres e algum sofrimento. Quando misturadas as coisas, as do mundo e as do outro mundo sintam a figada do universo, aquela que lembra: a vida é deste mundo, mundo de coisas, muitas delas inventadas.

NATUREZA FORMIGANTE

Suas pernas perderam a sensibilidade. Ficaram penduradas por muito tempo para cima. Uma natureza pra lá de deslizante, quer dizer, formigante. Por que não deixar as formigas andarem pelas pernas? Seria uma sensação muito agradável se não fossem animais. Você sentiria suas perninhas levitando pela superfície da pele. Veria que não pesam nada, além do mais muitas nem veneno possuem. Seria uma sensação agradável se não fossem animais, porque muitas vezes são feitos tratamentos a base de formigantes, mas sem formigas, só com a sensação da formiga. Mas se elas estiverem caminhando a sensação seria real. Além do mais a pele não pesa como uma perna, você perderia o peso da perna e ganharia a leveza da pisada do animal. Suas superfícies estão abertas? As janelas da alma? Por que uma formiga faria tanta diferença num mundo tão cheio de formigueiros. Você ficou com coceira? É um bom começo. Seus poros podem falar alguma coisa que não seja somente cheiro. Além do mais fique atento as que estão bem ao seu alcance: no açucareiro.

CAIS DE A-MAR

Ele havia partido num barco e prometido que voltaria. No entanto, nenhuma notícia de seu amado havia chegado. Contam alguns que ela ia todo dia avistar o mar para ver se seu amor dava um sinal, por menor que fosse. Seus cabelos ficaram brancos de tanto esperar... Contam alguns que sua espera transformou o lugar numa espécie de templo de devoção ao mar. Por que ela ia todo dia à mesma hora e ficava a observar o mar na esperança de um retorno que nunca aconteceu, mas sua esperança, no entanto, nunca a abandonou. Uns dizem que a esperança é a dúvida da realização de algo, nas cartas especialmente que escrevia e que nunca chegou a lugar algum.

Passados os anos e preenchidas de ilusões, no fim das contas, algo sobrou? Dito de outra maneira: uma ilusão parece descrever um sentido que move um corpo, mas move de forma aparente. Na aparência que parece não quer dizer muita coisa, diz, no entanto, uma vida de ilusões. Mas será que a ilusão aparenta aquilo que diz ser sem ser. E nos perguntamos: quando parece ser?

Será uma percepção deformada, se é que isso é possível? Pois nos sentidos quando digo iludido traspassam correntes de ar, mas na verdade era outra coisa, um engano, um devaneio. Alguém disse, no entanto, que os devaneios preenchem espaços correntes parece água caindo da lágrima que transborda a visão. Mas na verdade era outra coisa: ilusão. E quando eu me aproximei eram os sentidos

outra coisa, figura distorcida, parece uma visão distraída.

O mar engana muita gente. Desde o tempo das caravelas é assim, mas apaixonar-se pelo mar parece mais que ilusão, parece que descobrimos outra dimensão possível somente no encontro mar aberto com sentidos estendidos na razão do não-sentido. Por que senão é ilusão!

O QUE PODE UM ESCARAVELHO NO ESPELHO?

Patinhas seis, escorregando levemente, passo duplo, passo duplo, três vezes, pra cima, nunca pro lado, nem caranguejo, nem casca. Patas fixas, aderentes que parecem possuir cola, tenaz. O velho escaravelho morre, pois assim quer Khepra, exemplo de uma cosmogonia Heliópolis, um homem, acreditem, com um escaravelho na cabeça! Amuleto, creiam, dos vivos e dos mortos. Isso se passará bem pra nós, não digas mentiras contra mim. Os amuletos não mentem, desde os faraós é assim. E, depois disso tudo, acreditem, alguns acreditam, nem fêmeas possuem.

ESSA PALAVRA...

Quantas vezes se vê na tela da paisagem um abismo na sua frente. O que quer dizer mesmo essa palavra? Quando penso, ela diz que o movimento confirma meu sentido no corpo, minha consciência do agora. Quando não penso, ela me desaba na atmosfera do não-sentido. Deixo que as coisas aconteçam como na natureza. Na medida da luta da vida nos acontecimentos. Então uma nuvem vem e me pergunta sobre o quê na matéria faz sentido e eu respondo ativamente que na ação consigo um sentido que a palavra não tem. E coloco uma música para ouvir o que queria: um som do universo me dizendo que as estrelas são de papel e que digo coisas que não fazem sentido. Mas como não!

Acabo de sentir a melodia no piano alegre de tua canção. Existe uma batida, uma bateria marcando um ritmo quente verão num fundo guitarra melódico dizendo que no abismo há uma novidade que nos espera. Que o abismo é essa mesma batida melódica, mas que sem um sentido não se consegue ouvir...ouvir um tempo de sons de intensidades na frequência que foi escolhida antes do amanhecer, e que nessa ordem segue o abismo que dizias nuns instantes atrás quase ontem, anteontem, no verão passado. Uma batida na intensidade do momento que se transforma no olhar, mas no olhar o mundo. Fecho os olhos e vejo no tempo esse mesmo instante onde as perguntas dizem o quê no encontro somos capazes. Somos capazes, quem sabe, uma atmosfera ou um lugar

ou até mesmo um abismo...agora no abismo digo coisas que me movimentam para não sei bem que distâncias e não quero saber simplesmente pelo gosto de percorrer um caminho inventado onde somente quem sente pode, quem pode vê, quem vê, caminha...ouve-se agora essa mesma melodia mudar de som dizendo que a consciência é movimento.

ROBÔ, RELIGIÃO ROBÔ

Acreditamos um dia ficcionalmente numa possível tomada da Terra pelos robôs. O Planeta redondinho todo espalhado de homenzinhos verdes. Como naturalmente são muito estudiosos estudaram nossos códigos, leis e principalmente uma preciosidade humana: as religiões. Estudaram tudo, desde as mais antigas que nem eram religiões propriamente ditas, tais como congregações ou seitas, cultos de toda ordem. Tudo. Nas alturas. Incluíram em seus estudos até mesmo lendas regionais, entre elas, o Saci, o Boto e tantas outras. Seus propósitos eram bem administrados e minuciosos o suficiente para, muitos anos depois, através de depoimento de humanos, dizerem que viviam ao lado dos homens, mas estes não percebiam sua presença tamanha a capacidade de disfarce. Esse disfarce pretendia uma única coisa: entender os mecanismos da crença humana e explorá-la para seus futuros planos, como foi comprovadamente efetuado. Planejamento impecável numa nave comparável a um templo. Apresentaram-se aos terráqueos lá pelos idos do século trinta e três. Como se sabe a Terra estava em plena guerra energética, os países lutando entre si para disputar os últimos átomos de Nitrogênio disponíveis, pois era o último gás valioso que permitia a fabricação das máscaras utilizadas por todos nessa época. As máscaras permitiam aos humanos saírem de suas casas construídas a muitos metros abaixo da terra. Chegou um tempo em que os humanos achavam que os

robôs construídos para servirem especialmente nas atividades domésticas eram os enviados interplanetários. Muitos proprietários desfizeram-se de seus robôs o mais rápido possível depois que o boato começou a espalhar-se pela cidade inteira. Em poucos meses os entulhos de ferros velhos eram habitados especialmente por robôs abandonados. Foi aí que os verdes resolveram concluir a invasão e tomar posse definitivamente do planeta. Você viu os humanos não viram nada mudar, tudo parecia tão igual mesmo com os verdes no poder. O que deve ter acontecido? Será que nosso novo presidente é mesmo um marciano como dizem?

QUASE MÚSICA...QUASE CÓSMICA...

O universo emana sons cujas cores refazem sensações. Vejo no tempo uma atmosfera palpável de veludo e profunda. No escuro se produz uma música cósmica, digo um caos de movimentos, inicialmente discordes, mas só inicialmente, cujos tons se misturam de tal forma inaudita que todas as possibilidades são aceitas. Acordes são como imagens do pensamento coloridas por notas voláteis, suspensas numa nota musical. Concorrem certos pontos que convergem, formam contatos entre si, produzem um quase proposital, desfazem os códigos e inventam um mundo. Essa composição que já não é mais a mesma parece eletricidade corrente contínua. Continua nos diferenciais de um movimento a derivada das cargas livres. Existe um fluxo entre os corpos que liga um estado animado de sensações que direcionam um encontro, uma espécie de olhar transbordante, que brilha, se confunde com raios e vento solar. Parece haver uma solidão entre os acordes de um som. Isso pode ser reconhecido quando intervalos são comparados a um sonho azul e verde. Quase podemos tocar...mas somente quando aparecem nos sonhos. Quando preferimos sonhar. Quando preferimos dar valor ao inútil.

SOL DA MADRUGADA

Me interesse pelos seres no universo. Pelo quanto posso criar fantasias com a percepção. Com quantas posso pintar um universo delicado. Seguindo as linhas dos seres. A delicadeza afinada com uma periferia, com a pele, dito de outra maneira: como os poros. Contornando o universo sei que estou fazendo um caminho inventado, em direção ao principal, quase indeterminado. A surpresa que desconheço e que, em certa medida, conheço também. Existe uma sutileza na delicadeza que se produz no espaço parecido com ação ou força. A força da delicadeza. Existe como que um saturamento, um complemento instantâneo que produz um efeito de justaposição, que revela um ponto delicado do ser. Este só será inteligível pela ação do outro, que também se completa, pois produz a delicadeza junto. Nada é mais apazível do que um ponto de delicadeza. Você acaba por compreender que o universo é um ponto também, só que interessado, pois existem muitos universos possíveis, mas neste momento existe só um. E este saturamento, que é o mesmo que o ar que englobo em meus pulmões, com força suficiente para transferir um sopro do universo, está na delicadeza. Acho que o tempo aí perde-se como que numa mágica expressão. O contrário de um cronômetro. E será o tempo uma categoria possível de anular? Só consigo anular o tempo ao me distanciar. Não sei que fantasias surgem de repente no meio da madrugada. Sei que o tempo fixa-se de tal forma que não passa. Existe nesse

instante como que uma ilusão, utilizando artifícios de expressões variadas, inventando fábulas de escrever. Tudo para anular o tempo, desfazer seus códigos, perder o sentido...

Pode-se dizer que algo desvia o olhar, o pensamento, o andar. É aí que a madrugada muda de cor. Passei do tempo a um infinito no nosso tempo. E se é que existe mesmo o tempo, será na minha categoria, inventada, posta a prova toda vez que encontrar com um certo passo dizendo que veio apontar o caminho. Não quero caminhos, quero caminhar para encontrar um não sei bem o quê entre o infinito da madrugada e um redor.. chamado instante de madrugada e encontro, surpresa e corpo.

LUA LARANJA

As palavras parecem estar soltas, quase saindo do papel, uma a uma, quase uma revolução. Preferiam estar dispostas ao lado uma da outra, mas no último instante receberam ordens de separação. Cada uma receberia uma função dita apropriada para suas idades, sexos e religião. Claro que as letras, especialmente as desse século, impuseram resistência as novas ordens. Assim, a cada comando, seus significados eram alterados, propositalmente, ora por uma vogal, ora por uma consoante, um ditongo, um encontro consonantal. No final, como as letras não queriam dizer nada dizendo muito, os novos gramáticos da língua cederam. Por pura falta de entusiasmo. Mas como enfrentar letras que falam de luas laranja? Luas que apareciam no paralelo trinta, normalmente à meia noite de um dia de inverno. Ao caminhar pelas ruas via-se a lua exposta, cheia, quase fogo, quase sol. Nem sempre a lua é branca, isso foi comprovado certa noite quando uma nota foi aberta, as letras insistiam que assim era agora. Sabiam que em suas conexões as estrelas, a lua e o vento podiam proporcionar as mais extensivas sensações, mas hoje somente as letras podem dizer o que pensam: pensam que muito mais que fixas no papel voam como sementes de árvores-de-lã, procurando outro céu, pois cada céu inventado vale mais que um céu azul.

O MÉXICO ERA MESMO UM PAÍS?

Uma pergunta difícil para gente que admira tanto a cadência. Especialmente das palavras. O México poderia ser um país, sim, mas somente em algumas circunstâncias, somente naqueles anos, onde a pintura atravessava os muros americanos com muita facilidade. Era o que acontecia com a casa azul, por exemplo, e essa era uma casa mexicana com toda certeza. Guardava dentro de si relíquias não apenas do México ou dos artistas mexicanos, mas da alma mexicana, das circunstâncias do início do século, e como era fácil atravessar os muros americanos!

Certa noite a casa estava quase fechada ao público e recebeu uma visita insólita, era um antigo personagem saído de um livro. Ele estava disposto a fazer alguma coisa para descobrir sua verdadeira origem. Ao que parece, após inúmeras conversas, havia chegado ao local de sua origem. Um personagem, como é comum, tem dificuldades consideráveis para realizar esse tipo de investigação já que não pode realmente dizer tudo. Ele sabe que sua existência é exterior, convém, portanto, não se expor, as poucas informações que pode revelar já poderiam prejudicar sua investigação. Nosso personagem chega ao fim do dia na casa azul. Observa inicialmente sua configuração, suas entradas e sua pintura extravagante. Um primeiro olhar produz no personagem uma perplexidade imediata e ele percebe que sua natureza não coincide com aquelas cores aberrantes, no entanto, entende seu criador. A

sombra formada pelo ocaso do sol deixa a imagem resplandecer no telhado, nas janelas e ele percebe uma combinação de cores que até aquele momento não havia notado. As cores eram bem tratadas ali, pensou, essa luz pertence a um imaginário ilusionista. Quando entrou na casa parecia que seu coração havia parado de bater. Ficou mudo e surdo. Apenas a visão funcionava e esta parecia com os segundos contados. Sua sensação era de que apenas uma cor tomaria conta de sua cabeça e não deixaria nada mais se destacar. Parou, recobrou os sentidos, piscou de propósito os olhos e viu. Estava ali bem a sua frente a resposta: o quadro que deu origem ao personagem. Seu nome? O México não é um país, era um personagem. E como era fácil atravessar os muros americanos.

GRITOS NA JANELA

Era comum ouvir pela janela. Golpes de construções a tarde inteira. Era comum ouvir os pedreiros gritando e refazendo as casas para o novo bairro. As casas eram reformadas a cada década para que não perdessem suas fachadas originais. Pancadas e pancadas, dias e dias até que um trabalhador caiu. Chamaram a ambulância. O andaime desabou e os médicos tentaram reanimá-lo. A construção continuou. Parece que nada abala a construção, nem mesmo uma queda. Talvez por isso, às vezes surja nos jornais notícias de crateras que se abrem e engolem edifícios inteiros de três andares. Os gritos: “Puxa! Mais! Pro outro lado! Isso!”, e seguimos as construções como velhos admiradores de prédios que caem sobre nossas cabeças.

O planeta passa pela janela enquanto tomo um café. Ele desliza ladeira abaixo e parece que não virá nos próximos dias em que as construções continuam seu frenético crescimento, onde as construções ocupam terras, refazem as paisagens, limpam tudo o que havia pelo redor. Antigamente a visão era largamente ilimitada e dava um medo continuar olhando, ela poderia se perder definitivamente. Aí parava de olhar. Voltando ao foco confortável. Hoje os limites são tão breves, quase dura cinquenta centímetro entre o olho e a tela. “Meu irmão! Vai cai! Segura...!!!”

VELHOS PORTAIS NO GHETTO DE MARAIS

Uma pausa. Um silêncio ensurdecedor. Olho pelo terraço de um Café: um cartão postal. Falsos estudantes procurando, mas sabendo que andavam para encontrar. Entardecer gelado de março e era tão natural cruzar a rua, subir na ponte, olhar os guarda-chuvas guerreando por espaço. E no fim do rio afundou um barco. Acaba de cair tristemente. Muitos atravessam a ponte sem perceber, apressam o passo, sem tempo para as pequenas coisas. A cidade acontece sem as pessoas, mas não acontece sem a batalha dos corpos, sem encontros, empurrões. E aí, talvez, alguém olhe pro lado e perceba que está vivo. Os portais pareciam amplos porque coincidiam várias culturas debaixo de suas colunas. Muitos chegavam ali e sentiam-se em casa, mesmo sua casa sendo do outro lado do oceano. No Marais os guetos não faziam sentido a não ser do outro lado da cidade, que muitas vezes denominava o lugar assim, mas ele mesmo não era propriamente um gueto era mais um lugar, um bairro afastado. Neste lugar as convergências pareciam harmônicas, você vinha para um gueto sem sentir-se num e era algo estranho, um gueto que era como todo o mundo. Pois o gueto permitia todas as sensações, todas as pessoas diferentes iam para lá o que tornava o gueto um lugar universal. As ruas que levavam ao Marais já demonstravam sua pureza. Era simples atravessar a rua, tomar um taxi, andar a pé, aliás era melhor andar a pé nas ruas largas do gueto. O gueto apesar de ser um gueto tinha

ruas largas porque a arquitetura era um pouco estrangeira. As flores na frente das casas eram estrangeiras. A música que saía das casas era estrangeira e se confundia nos ouvidos de quem escutava. Por isso o gueto não é um gueto completo porque as músicas são de várias nacionalidades e são aceitas no bairro. Mas havia um Café que era como um cartão postal e de lá se podia ver a cidade e os corpos correndo numa tarde fria de março porque um barco acabou de afundar tristemente.

CONGRESSO ANUAL DOS AMANTES DEGUARDA-CHUVA

Estava marcado para daqui a duas semanas o Encontro Anual dos Amantes de Guarda-Chuvas. Neste ano o encontro tão esperado seria na capital dos guarda-chuvas: Londres. O mês era janeiro. O encontro estava marcado para a Cheyne Row, nº 5, antiga casa de um grande admirador desse objeto. A casa estava toda preparada, especialmente decorada para esperar os participantes do encontro anual. Era uma época muito aguardada por todos, a cidade ficava realmente muito diferente nos dias que antecediam o congresso, já que eram esperados tantos donos de guarda-chuvas tão eminentes, tão importantes que a principal convidada, claro, esperada por todos era ela: a chuva. Certamente os donos desse objeto admirável preparavam-se o ano todo, preparavam os melhores representantes para o desfile com um único objetivo: levar pra casa o tão esperado troféu Guy de Jean. Os participantes, muito refinados, contavam com instalações modernas para os dias de encontro e lugares específicos para deixar o objeto central muito à vista de todos, especialmente dos jurados. O corpo de jurados era formado pelos mais renomados especialistas de guarda-chuvas do mundo, tais como Jean Paul Gaultier, Chantal Thomass e outros ilustres. A noite de abertura finalmente havia chegado. A chuva por sorte também, o que tornou a festa ainda mais glamorosa. O tema do encontro anual havia sido escolhido no ano anterior e era uma

discussão cuja necessidade já estava há tempos ocupando as rodas de conversas informais e tirando o sono dos participantes mais antigos. Os mais novos também concordaram com o tema já que disso dependiam seus futuros negócios. O tema do ano era: “O Moderno no Mundo dos Parapluies”. As correntes de pensamento estavam bem definidas. Aqueles que não aceitavam guarda-chuvas com formatos estranhos e que lembravam lingerie e aqueles novos estilistas que viam no formato do guarda-chuva uma possibilidade infinita de desenhos e estilos conforme o dono que o carregava. A primeira noite, como todos sabem, está dedicada mais aos encontros de velhos amigos, entre aspas, mostrando seus novos ou velhos apêndices (eles, os guarda-chuvas). As discussões teóricas eram deixadas para o primeiro dia do encontro, após a noite de abertura. Mesmo assim a organização do evento preparou um pequeno discurso de dois especialistas que representavam as correntes mais fortes do atual congresso. Cada um falou por vinte minutos. A cada fim de discurso vaias e aplausos. Não é difícil imaginar que, depois de alguns champanhes, os ânimos ficaram um pouco mais exaltados, no entanto, estávamos diante dos mais aclamados admiradores de um objeto tão distinto. Não fazia parte do protocolo vexames que pudessem comprometer o próximo dia do encontro. A maioria partiu para seus aposentos enquanto uns poucos ficaram conversando na sala principal.

Fazemos um esforço para compreender o porquê de tantas resistências as mudanças que, na maioria das vezes tornam-se

inevitáveis. Foi o que ocorreu nesse encontro também. Quase que de forma invariável a novidade cativa um público e logo o que era novidade torna-se novamente rococó. As novas tendências estão aí e tomam conta dos apaixonados pelo objeto mais cobiçado desde o século XIX. Também não foi fácil convencer os antigos. As votações, na sua maioria, apertadas, com votos a favor e contra muito aproximados, mas com leve vantagem para o grupo dos novos fez com que o próximo congresso anual dos guarda-chuvas seja, pasmem, no Brasil. Não foi muito difícil de convencer os organizadores do evento já que nesta época o que não falta no Brasil é chuva.

UM DRAMA PARA CONTAR A HISTÓRIA

Abandonar é raro, os fatos humanos são raros. Contar o intenso do drama na história. O que aconteceu aos homens de fato? De lá de um lugar fora do tempo e do espaço com a linguagem e os corpos porque nem tudo que se escreve faz sentido. Nesse sentido essencialmente real inútil de todas as coisas. Sentido no erro da continuidade sentido na carne da descontinuidade do momento. Pois o rosto de uma época irrompe no tempo, nos engenhos das relações. Multiplicados os objetos, o tempo, o amor, o fogo, a luta no documento, momento preciso na história de que nos ocupamos ainda. Pela graça dos tempos e pelos vestígios que ririam de nós se nos vissem.

FALAR É UMA VIOLÊNCIA

Morte anunciada dos discursos dos saberes da razão. Ela fala que se acha enredada que está sobre o mundo que não é contemporâneo de seu tempo e maldita finitude! Uma máscara, cópia mal feita do passado no presente e da ideia na razão. Estamos todos no ralo, fato no vazio. E na luta minutos depois eu vi que não era no corpo era na ideia dentro de si que saía de antemão do corpo no ponto da contramão da dor. Essa aspereza contato no centro do drama funda uma ideia solta no espaço do tempo e de dor, porque estamos sempre no contato violento do ser quando não é, da ideia quando desfeita, da razão quando ruína. E não falo por falar...apenas uma forma, forma destorcida que disfarça coisas ao relento. Quero ouvir a dor da canção dizendo que diz sem nada dizer. Se não disser, não dá! Antes mesmo da dor a violência é maior do que nada fazer, nada insinuar, nada dizer. E se deixar esquecer por querer? Talvez os caminhos digam o contrário do viver, mas a vida, ela, ela é a luta contra a natureza. A vida tumultua a bruta existência dizendo que na natureza temos coisas, mas coisas mesmo! Coisas nossas e da galáxia toda. A violência sai de nós e encontra um não sei quem num caminho solto na onda do mar a dizer que na vida passam intensidades que se não pegá-las, escapam, mas escapam mesmo! E nesse mesmo encontro vejo a onda que me puxa e que solta fazendo transbordar a vida nos acontecimentos, que não há outra maneira, ou você vem, ou...não nos vemos mais!

REDES DO TEMPO

Similar a Fúlmine.

Hoje nasceu Fúlmine. Onde? No hipódromo, claro. Avisos de uma existência anterior. Assim nasceu a lenda: era magro, esguio, contemplativo, uma figura paralela. Dizem que sua origem é certo lugar chamado Oaxaca, lugar metafísico, onde convinha passar horas de silêncio. Percorreu em sua extensa vida uma série de lugares. Era um pouco mais que um latino americano europeu. Era um pouco mais do que os europeus inventaram, mas que nunca souberam ser. Os homens possuem seus sonhos, mas para Fúlmine existia mais do que o paraíso. Existiam dois. Existiam as redes e existiam as redes que faziam o tempo e o tempo para Fúlmine era algo precioso. Tomava seu tempo com aventuras literárias. Foi o que restou para o menino nascido naqueles confins. Nasceu envolto nos ares de literatura e passou a vida envolvido pela nuvem literária da época. Lia tudo e podia viajar para todos os lugares que quisesse. Aprendeu inclusive que não precisava necessariamente de um meio de transporte, que podia inventar seu próprio meio e era assim que passava as tardes na fazenda. Lendo livros e inventando engenhocas para viajar. Peça por peça, parafuso por parafuso até chegar ao protótipo partindo do projeto. Em seu tempo as horas eram mais lentas o que permitia pensar que os lugares iam esperá-lo sem demora. Ao mesmo tempo tinha pressa em acertar o passo com a humanidade e voltava aos livros para tornar-se mais

humano. Até este momento Fúlmine pensa que a natureza pode estar devolvendo a cultura aos homens.

TERRÍVEL CONFUSÃO

Algo estranho estava acontecendo...uma mensagem urgente chegava pelo rádio.

Esse dia especialmente diferente não possui data, tudo estava como no meio dia, estático, perene, sem som. Naquele dia, naquela hora, as coisas mudaram de lugar, modificavam-se sem que alguém pudesse fazer alguma coisa. Começaram a surgir outras formas de disposição dos objetos, as coisas tomando outras dimensões, algumas plantas conversando entre si. A hora continuava a mesma, os pássaros cantavam melodias populares, as serpentes reclamavam seus apêndices perdidos, todas em assembléia. Se algo puder ser dito acerca de uma confusão poderia ser o seguinte: confuso é o que não está dentro. Mas como contar as horas tão indispensáveis para todos, precisamente agora quando a translação parece mais evidente. Seria como voltar atrás em quase tudo. Voltar a épocas remotas de contar as horas observando o sol, as estrelas. Não possuímos mais tempo para isso. O tempo é outro e perdeu-se a capacidade de observação. Sem falar nas horas, que estavam paradas. Essa e outra situação para a qual não se está preparado. Por que nunca se está preparado para algo novo?

Os habitantes esperavam na praça principal as novas notícias quando, num canto da praça, havia um grupo muito animado formando uma longa fila. Era uma espera ansiosa para pendurar-se numa árvore que havia sofrido uma modificação incrível atraindo

quem passava para seus galhos. A nova árvore chama-se *Muytagentia Pontacabecia*, recentemente classificada pelos cientistas, apesar da estranheza que causava na população, chamava a atenção de todos. Assim como essa espécie outras já haviam sido modificadas, causando um grande espanto especialmente na comunidade científica, que era a mais abalada até aquele momento. Muitos ainda estavam céticos quanto à verdadeira identidade dos vegetais e sua nova classificação. No entanto, não havia tempo a perder e, além do mais, as evidências eram muito palpáveis. Havia surgido novos seres dentro daquele período e era necessário descrevê-los o quanto antes para evitar possíveis catástrofes. No entanto, as novas espécies que surgiam possuíam uma enorme capacidade de adaptação, muito diferentes das conhecidas até este momento já que estas podem levar um tempo enorme para adaptarem-se. As novas espécies que foram surgindo possuíam como principal característica a capacidade de adaptação tanto com o ambiente como com os demais seres. Tanto que as autoridades estavam com dificuldades de retirar as pessoas que se balançavam alegremente em seus galhos. A árvore causava um poder de sedução quase incontrolável. Com esta inusitada alteração algumas autoridades foram presas por estarem se divertindo enquanto a cidade passava por essa modificação classificada por alguns como catastrófica. Tal imaginação pareceria mais uma alucinação do que um fato possível de ocorrer em tempos tão tecnológicos, onde a razão impera entre todos. Mas o

fato é que tal situação perdurou até começar a espalhar-se pelas cidades vizinhas. As autoridades que ainda não tinham caído nas armadilhas, prepararam, com a ajuda de brilhantes estudiosos, um gás infinitamente poderoso que, como contaram depois, exterminou com tudo que era diferente naqueles confins. Hoje os mais velhos contam histórias de ninar utilizando a velha lenda, só que no final as crianças choram acreditando na real possibilidade de que isso volte a acontecer novamente.

SENTADOS NO BAR DO TREM

Era a primavera do socialismo com rosto humano. A tentação de salvar o insalvável! Como pode haver amizade quando os defeitos arrebatam aquilo que diz nosso amigo? Alguma coisa se ganha, musicalmente. Um trem, talvez o de Hitchcock...Entender os trens numa mesa de bar comendo salsichas, tomando um vinho. Escutar os trilhos do trem; entender suas origens, seus mistérios. Lembro que nas fábricas para aliviar o tédio dos trabalhadores os altofalantes tocavam Lola Beltrán, enquanto meus amigos tocavam jazz, especialmente Thelonious Monk. Músicas para ver o trem passar...E existe pouca diferença na música, descobri isso depois. Mas o trilho e sua música são sempre o mesmo. Se você está em Chicago ou em Passo de los Toros a música é a mesma, e o trem esta partindo, a sirene você sabe é do trem, inconfundível. A passagem do trem também é igual mesmo que os trens sejam diferentes. Trens que atravessam o deserto podem ser um pouco mais sonoros, pois o deserto permite uma sonoridade mais estridente, isso foi confirmado certa vez no Atacama e uma placa dizia: Bienvenidos. Era o único que se podia ouvir naquela situação. Nem uma velinha resistiria ao movimento de um trem ainda mais sua sonoridade se pudesse se esconder dentro dele. Ainda hoje os trens são tão antigos quanto eram antigamente e isso faz sua beleza e estranheza e velhice ou ainda seu charme. Não é comum brincadeiras dentro dos trens, mas muitos gostariam de se

esconder dentro deles, parece ser o lugar mais transitório no deserto que conhecemos.

PÁGINAS DE PRAZER

Uma vez você disse coisas sem sentido, na pele tatuada disse faz sentido na percepção que parecia não parecia na voz outra coisa que dizia você na verdade queria. Queria inaugurar sentidos, desfazer os clichês perguntar o porquê, tantas vezes repetidas vezes mesmices, tudo de novo. Queria mais uma repetição das novidades postas na cara, na cara da verdade, por que de fato não há verdade para ser dita ou ouvida. Queria a expressão nos andares, mais do que só dizer o que pensa. Trazia os vestidos cheios de uma costura artística, mais que artística, estética, retocada das belas artes. A expressão da beleza da natureza na arte das misturas, das cores, dos textos e finalmente atingir o que se busca: páginas de prazer! Por assim dizer queria as novidades que pulsam que se distribuem nos olhares, você viu? Disse de novo coisas sem sentido. Disse coisas ao avesso que, aliás, adoro ouvir, um quase desistindo dizendo fico, para um grito mais que silêncio menos do que o dito. Nem dito nem ouvido, a pura expressão dos rumores. Ouvi de novo e outra vez, coisas sem sentido, disse não quero sentidos, sinto tudo na pele, na pele do ouvido, enterro tudo na terra, a arte, meu pés e ando descalça reafirmando que da terra tudo sai e tudo volta, mas volta como novidade na areia que transporta. Algo novo, sim é, se assim você disse é, um gosto pelo avesso da norma, da educação e atiro coisas pela janela, pra dizer “aqui estou! Amo tudo que se dilacera!”. Ama Dionísio, “o libertador”, mas como seria diferente

se da força nasce tudo que desafia, amedronta e desconcerta. Dito de outra maneira: palavras de sangue! Adora o sangue que aliás, é toda origem de Dionísio, cortado em pedaços para, do coração surgir uma poção! Disse outro dia, queria mais e mais, mas existiam coisas na mente na pele de novo a incendiar, digo assim, busca pedaços para refazer os caminhos indo no mesmo caminho, estranho, parece não andar... anda desafia, tudo busca, tudo novo!

À ESPERA DO PRESENTE VISUAL INCOMPARÁVEL

Nos livrou livrando-se com uma linguagem nova, leve, cercada de possibilidades. Através de uma construção verbal livre, inacabada, uma vibrante pergunta sobre o romance por vir. As páginas ásperas e leves, um traço de pincel com largo frescor. Não digo só por fora. O fora e o dentro. Capaz de todas as aventuras. Cantarolada melodia, um sonho...O livro. E a espera não é só visual, mas tátil também tocar a superfície, que por vezes desloca o pensamento. Esperas para um novo nascer. E a espera não é só tátil, mas musical também. Muitos acertam em ler o livro escutando sua melodia favorita, os ouvidos agradecem, os temas se misturam e o olhar fica mais extenso. Alguém pode dizer: a concentração muda. Muda e se expande. Transfigura um sentido e transforma uma conclusão. A espera não é só musical, mas do sabor. Fora e dentro. O sabor do livro que se transforma a cada gole. E o gosto pela palavra cítrica, ácida, pois juntos combinamos um doce “meu amor”. Esperas voláteis fazem parte do sonho. Uma fragrância, incomparáveis aromas estão à solta. Um presente é um convite visual incomparável!

MIMETIZANTE

Começou pelo começo: a mentira
Mentira colada na língua, na cabeça
Como fita espalhada ao redor
Acredita
Que é inevitável: a métrica
O calor
Sai fazendo voltas
Rastejador.
Incenso, culto e caules de árvore
Múmias vivem até hoje tua casca sagrada.
E tudo volta a ser como era antes...
Sol e ventania e cor e signos.

CHUVA

Inclinada. Dizem seus melhores amigos que quando vem na verdade pra todos os lados. Quem sabe? Não, não, quando vem olhamos pela janela pra ver toda ela imensidão a dizer “tomei você completamente”. Além do mais, descargas diferencias, ruídos ao longo da cidade pra dizer “estou aqui, olhem pra mim!”. Sua beleza ainda diz que queria dizer molhados pensamentos combinam com o olhar que se perdeu por culpa da paisagem que ofusca a música. Agora, ângulo reto, retas arestas desliza no chão para percorrer caminhos onde tantas vezes já passamos, mas é como se nunca estivéssemos estado lá.

No coração da cidade agora molhada deserta pelo vento cheia de água esperamos na janela essa passagem menos que breve mais que o instante. Assim, brevemente na mudança passageira que atravessa as passagens que muitas vezes nem se sabe parece, num piscar e desaparece...no ruído zinco feliz a dizer: “a chuva veio me ver!”. Trouxe hoje pra mim um dizer assim: outros tempos correm por aí, porque na solidão não se fica nem no tempo nem no espaço. Um arqueiro acertando a chuva bem no centro fragmento pedindo espaço, se não der então eu faço. E aí, invento chuva de oceano pra ver que atrás do mar havia uma figura: maré e chuva, chuvinha.

BOSQUE DE L.

Como num caso de amor, naquele navio, no meio do oceano estava indo ao encontro de sua amada. Quando a brisa parava e o sol tocava sua pele com mais intensidade, as lembranças pareciam mais próximas. Numa visão abrupta confundiu aquele instante em que a onda quebra na arrebentação como num espelho.

Existe uma confusão relativa às datas do romance. Uns dizem que ele foi escrito em 1925, enquanto outros afirmam com veemência que tinha sido escrito muito antes. É que existem datas e acontecimentos e situações que não ficam claras, mas pode ser proposital isso. A maior questão que fica é se ele encontrou-se com sua amada antes ou depois de sua morte? Isso não fica claro, pois como se vê, esse nó é o mais atrativo, é o que mais chama a atenção, o percurso de toda uma vida, é o enigma, aquilo que não é dito, enfim, a expectativa da obra. Nesse caso, um esquema, existe um esquema: é preciso encontrar sua amada. No entanto, sua amada é alguém tão inatingível, tão intocável que suas tentativas de escrever o romance se perdem enquanto se lê o enredo. Ela vai ao seu encontro, mas isso não está claro. Na carruagem vão mais personagens do que ela e sua dama de honra. Atravessam o bosque de L., uma névoa as acompanha. Elas estão realmente apreensivas, não sabem o que esperar desse encontro. Tudo foi marcado com muita antecedência, inclusive as tratativas com Lord Tristan que disse claramente que sua filha não estava disponível. Ela, no

entanto, fazia questão de ir àquele encontro. Isso torna tudo mais confuso, claramente, ele sabe, mais confuso. Sua amada vem por conta própria!

INANIDADE

Meia-lua, borde de um objeto assim cortado, oblíquo pensamento. Borda sem ângulo, costa marítima. Pensamos numa abertura através das montanhas que pudesse proporcionar esse estado de coisas, as aventuras que não são nem perpendiculares, nem paralelas e sim vão de lado, um caráter simulado, um simulacro. Por que sozinho o corpo seguiria a reta tangente. Mas ele não está sozinho, as linhas de catástrofe sugerem mudanças abruptas, um limiar que mudará a existência dos objetos, pois o contorno é a forma do ser. Estamos em busca de fatos novos, na emergência da superfície terrestre, quando os ímãs não se atraem mais. Pensávamos num buraco na escuridão, fundo aparentemente vazio, inócuo, tão vago quanto possa ser povoado, no pensamento, algo não direcionado que represente exatamente um nada ou um “aqui e agora”. Pois o tempo presente é o próprio átomo, e sendo assim, os simulacros são formados de átomos, “o universo é corpo e espaço”, como queriam os epicuristas.

ESTÉTICA DA VULNERABILIDADE

Modos de uma companhia voltada pra si mesmo, um quase se deixando levar para lugar algum por querer. Dizer da forma um descuido do ser. O corpo feito escudo da estética que pede mais uma exposição do que um desaparecimento. Precisamente a todo preço uma exposição ao avesso mostrando o possível e o impossível. Não se diz contemporâneo de seu tempo, o contrário, se diz moderno, para além das formas estéticas, um corpo todo preparado. Livre, completamente preso a uma estética do aniquilamento da forma, dito de outra maneira, não existe nada para ser mostrado. Então mostra tudo, tudo escapa, se perde na vulnerabilidade das formalidades num tempo pedindo suspiros do óbvio, mas tão óbvio que não deixa nada pra trás. Vulnera não num sentido do corpo livre, mas de um corpo amarrado, propriamente desconectado, mais histórico do que nunca! Um corpo esperando ser tocado não se sabe por quem em que momento apenas deixa que dos furos do sofá surjam mãos a tocar, mas não se sente um contato corpo a corpo, mas um contato com uma estética dita da beleza fugidia. Uma beleza comprada a prazo no chão do mundo. Na mesma avenida onde imigrantes clandestinos fabricam bolsas perfeitamente copiadas, mas vendidas por quase nada. Pois as vidas não valem nada. Valem o preço que você paga para parecer com o que você determina que deva parecer.

De repente danificado ou destruído, suscetível, ela se mostrava

vulnerável demais. De repente ferida, num ponto imprevisível num corpo que não lhe pertence. Que ao mesmo tempo é seu e de todo mundo. Uma estética da atualidade fingida que desconecta os corpos deixando-os sós no mundo, abrigados do contato da pele das sensações. Um medo entranhado na mesma pele que se diz nova, bela e feliz, mas que a bem da verdade, vulnera num sentido do corpo exposto a qualquer preço. Numa exposição que não é sua, mas de uma estética da conformidade, um auto-policialesco muito difícil de descrever, um auto-controle fraco o suficiente para ceder. E estão às voltas com um possível e um incrível que se acredita mesmo um fenômeno distinto de tudo pronto pra desabar a qualquer momento. Pescadores artesanais de uma natureza perfeita. Será mesmo que isso é possível?

PELO TEMPO QUE NÃO PASSA...

Acho que nessas questões a alma se assemelha a um livro cujas páginas tantas vezes lidas parecem uma nuvem que tentamos pegar na mão. As páginas carregam o tempo como as letras que contam um enredo. Passa dependendo como uma tumba o livro é escrito. E essa cova interna espelha um fingimento contado pelo avesso tornando o livro a vida, a vida livro ou o avesso.

Existe um engano aí bem no tempo que não passa. Quanto mais se lê, menos se avança, mais se fixa a subsistência. Gostaria de dizer que o tempo não passa nas páginas. E não passa mesmo como num mantra: um movimento.

ESTROFE ARDENTE

Sentenças verdadeiras na sua maioria. Quase sempre ao amanhecer sua mãe tinha algumas amáveis recomendações. Como nunca seguia conselhos, o menino saía a percorrer um caminho quase sempre novo, inventando brincadeiras durante o percurso que fazia. Ele era bem conhecido no bairro já que fazia alguns trabalhos na vizinhança que boa parte dos outros meninos nem pensavam em realizar ainda. Ganhava assim, algum trocado, o que fazia com que pudesse sentir-se mais independente do que a maioria dos meninos da sua idade. Usava pouca roupa, chinelos velhos e, na maioria das vezes, ganhava boa parte das coisas que necessitava daqueles que contratavam seus “serviços”. Percorria as ruas da cidade como quem mergulha no mundo imenso das águas e conhece como poucos suas armadilhas. Para as conversas matinais que não conseguia entender muito bem tinha sempre uma boa interjeição: “é isso aí seu José!” e o velho olhava e sorria com seu sinal de aprovação. Pensou que queria simplesmente ser visto ali, deixar, quem sabe, uma marca. Em sua mente de menino, as cores tinham outro sentido, queria representar o vermelho, esvaziar seu espírito. O mar queria dizer azul e a canção dos pássaros, o vento.

Pensava em subir em sentar numa nuvem e ficar observando de cima o que muitas vezes não entendia. Também não entendia o desdém, a falta de roupa e outras objeções. Não entendia a música mal cantada e só poucas vezes escutava uma melodia agradável,

muitas vezes dos pássaros que pousavam nas árvores que ele brincava todas as tardes. Às vezes ouvia música boa no radinho, à noite, por que a frequência era estendida e podia ouvir coisas que não entendia. Não entendia o significado, mas sabia que eram boas melodias. Naquelas noites percorria o mundo todo, até entender que o mundo era uma frequência melódica. Que o deserto rosa parece ferrugem. E tentava decifrar, em sua mente infantil, pequeninas fórmulas ao avesso. O menino voltava ao início com outra tarefa e outras aventuras por que só as manhãs faziam sentido.

EXCÊNTRICA

Na voz você disse ao chegar: mas que lugar estranho! Nada, estranho sem cor, cinza, branco, vapor. Novas eras vão surgir, gerações. Uma menina que conta histórias de carochinha como se fosse filosofia. Excêntrica não, acho que mais bem fora do eixo, outras maneiras de dizer outro sistema outro centro. Eclipse.

Movimento retilíneo alternativo porque o planeta nem sempre realiza sua trajetória, contado de outra forma, excêntrica volta, é fictício que o planeta realizava sua órbita.

E do alto da janela via um círculo cujo centro não era o mesmo, excêntricas colunas, passagens, para ser mais preciso: ventania.

Um movimento mais parecido no sentido próximo de nós do que das estrelas, mas no outro sentido, entre as estrelas de fundo. Um quase lento muito difícil de descrever. Uma rapidez que esfacela.

Um movimento que descreve um sistema em que a Terra esteja parada, a Terra como centro do universo. Círculos de círculos, num dado momento. Algo que pudesse prever uma curva de mil e trezentos anos, bem ali quando acontece uma mudança substancial.

Um movimento retrógrado, que ficou para trás, mas que nem por isso se perdeu. Agora estamos entre as revoluções não conhecidas, cujos centros giram em torno do sol. Sem nenhuma excentricidade, normal. Até que se diga que uma inclinação é o mesmo que uma simulação do verde no papel, onde surjam traços que atravessassem uma resolução aparente de uma órbita na mente, sideral, potente.

Descreve algo: letras, graus e espaços, por que na vida estamos entre um passo e um não faço distinguindo eixos no espaço. Nada fantasiado, tudo bem contado, mas antes um pouco de imaginação onde aparentemente havia solução. Simplesmente uma posição.

FOGO CRUZADO DOS ÁTOMOS

Fatos particulares e é como se diz: com você me sinto bem. As línguas diferem como estados cerebrais quer se tornem os estados do cérebro ou os estados do pensamento. Saberíamos em detalhes quando atravessam os átomos no corpo da música. Especialmente na música silêncio. No silêncio especialmente da noite retorno ao espaço vazio que não há. Saberíamos sempre do fogo algo limpo. Não sei que coisas atravessam a temperatura que arde, que incendeio no pensamento, extremamente solar. Mas veja, havia duas luas no meu sonho, uma destacou-se da outra como um impulso que salta pro mundo. Aí uma membrana estava entre elas como que recobrindo o que já era um fenômeno. Uma destacou-se da outra, mas não foi possível ver a segunda lua, apesar de saber que ela estava lá. acordei e sei que tudo foi por um gesto, aquele que me mostrou uma estrela entre as nuvens na noite. Por que entre átomos cruzam fogos e círculos e cometas como fatos particulares, como estrelas.

VÍTIMA DO DESEJO

O controle é homeostático, da sociedade na qual existimos. De tornarmo-nos soldados até que o gradiente da média necessária à vida seja atingido.

O controle é auto-regulado, sistema genético, eles chamam de "indivíduos" ao que queremos ser!

É homeostático, acontece desde 1835, essa data marca o inventor a publicação os anúncios... a criação do "Jornal...", a descoberta de seu tio: o controle do corpo pela manipulação de fantasmas para suscitar desejos!

Controle, a miséria simbólica, os objetos destinados ao consumo das massas, massas artificiais...e energia libidinal! Debandam literalmente, eliminam singularidades enquanto a consunção é a condição. Ei!,"estava sonhando com uma música ia escrevê-la" acordei com a chuva batendo na janela...

Homeostático, absolutamente um bom sinal, começam a sonhar com um mundo onde não mais se poderia consumir. Muito bem, vou descrever uma tendência: estamos na direção da debandada estética, uma sociedade em um impasse, pichando grandes marcas! *Control*, do condicionamento estético, estavelmente hipersincronizados, idênticos ou muito parecidos uns com os outros.

A linguística, "horizontes de sincronia", se diz necessário, por exemplo, ritos de passagem ou mutações organológicas são vividos

como uma violência. Há como que um espelho que deforma e inverte seu narcisismo, do dançado ao dançante do colorido ao colorante. Seu organismo não é mais a dança não é mais a pintura, você ao contrário, consome a arte. Béla Bartók diz que pode fazer mil gravações de músicas populares. Sempre soube que olhar é o mesmo quer rever. E sempre soube que a experiência da pintura é uma experiência da repetição. É porque uma pintura diz “au revoir!”. Dito de outra maneira: a arte não se consome.

Homeostase para inventarmos próteses de repetições que substituem pouco a pouco a prática do receptor. Eles podem, assim, se tornar consumidores que não olham aquilo que eles vão ver. Dizem uns dizem que o artista por séculos era um técnico de si mesmo, aí ele se des-tecnizou. É o preço para estar junto ao público. Eu queria novamente *La persuasion clandestina* de 1958, voltar a ser um amante da música! Por que tudo tem que se tornar *démodé*? Para que exaurir a obra se a arte não se exaure? Isso é invariável. Um microcosmo elevado a enésima potência!

A arte tímida vítima do desejo.

FORMA RECATADA NO TEMPO

Ritmos até velozes. Pare! Isso não. Lacrimoso, impetuoso e lento, esse é o tempo? Esse é o amigo do ritmo? O saturamento de um som, até a última gota, pingando, pingando...mais uma vez. Redondamente formada até cair sob o rigor do espaço. O tempo lento até desabar com clara celeridade. Desmanchar-se na cadência do ar. Bolha da vez.

CONTEMPORÂNEAS

Você prometeu através da instanciamento dos papéis assim, dizendo pequenas coisas, andando pela rua, cantando uma música pra mim, você prometeu assim fazer de sua ferida uma quase-causa, isto é, eles não têm mais nada a dizer...

Quem sabe as coisas finalmente tremem e abalam o condicionamento estético que temos agora. E as tentativas de descontextualização são enormes, de não se deixar enquadrar. Então, começamos pelo começo: lutar contra nós mesmos. Desfazermo-nos da realidade, tentar tornarmo-nos inatuais da contemporaneidade excepcionalmente incerta e vazia. Algo antigo o suficiente para parecer novo, mas desde um princípio intempestivo. Por que Nietzsche era considerado louco? Porque ele era inatural. Nada é mais extraordinário do que ir tão longe de si quanto se possa ir até Cádiz e voltar vinte mil anos. Voltar não no tempo, mas na não-contemporaneidade ou talvez uma distância do tempo da história. Ou quem sabe uma caverna esbanjando facetas de atualidade como que uma intensificação da vida. Muitas coisas se parecem exatamente como a miséria intelectual, uma fábula contada por mais de duzentos anos, talvez se diga pós-moderna essa filosofia que vem com recheios dessa mesma miséria conceitual de uma filosofia transcendental. E estamos às voltas entre o que existe e o que consiste na medida em que se trata simplesmente de experimentar, mas é preciso que se faça e é

preciso fazer! Nem tudo existe, mas se consiste é porque faz a diferença em nós. Por assim dizer uma filosofia do ato por que “existem coisas que não existem, mas que ‘consistem’, e são as coisas mais importantes”, dizer é belo sabê-lo através dos meus atos. Pelos traços de singularidade a “diferença consiste e se faz”.

Quando abalar-se a si mesmo quer dizer entrei neste espaço dito branco do papel com pedaços de tinta no pincel para desfazer o que aparentemente não se fez, se desfez, se refez, na medida em que esqueci o que vim fazer para desfazer o que um sentido me fazia sentir novas formas de fazer o que faço: (re)fazer as coisas em ato! Mudanças e metamorfoses ligadas ao sentimento que temos, necessariamente temos, de não existir!

FRÁGIL CHAMPAGNE

Existe algo de champagne, charmosa e ácida no encontro entre mulheres. O que muda é o detalhe, a visão de mundo. E é preciso amar a demolição, as coisas inexoráveis. Para entender a alma feminina? Cada bolha de champagne é uma possibilidade. O detalhe não é o valor é acessório. Ela abre a porta, vislumbra o ambiente, diferencia as bolhas. O borbulhante destino. Só as mulheres conhecem o destino. Elas fazem de tudo para ter um. Inclusive na borra do café, sentadas em um bar madrileño, descobrem o destino nas xícaras. Foram vistas fumando nas ruelas de Madrid. Fazia falta que estivessem contando as letras do futuro, como num verso, um estoque de amêndoas para acompanhar o champagne.

AS RUAS E O VENTO

Ficarei contente o dia, um dia, o dia que me leve o vento de passagem na rua lenta contornada pela curva parece infinita essa rua, quase uma esquina. Vê-se a rua lá de cima como num penhasco. Será difícil não jogar-se nela.

Parece tantas vezes que o silêncio é a voz da sutileza. A rua morre sem saber, encontra com as ondas marrons e brancas da praia Lilás. A sesta obrigada, na hora mais lenta, as árvores abanando, o asfalto pegando fogo e chegamos finalmente à praia Chica e temos ainda os últimos trocados para comprar, o pão, o vinho e nada mais.

Cantando felizes por ver as ondas quebrando no mar, no prata. Chegar à praia, atirar os calçados pro alto, fincar o guarda-sol na areia e correr pro mar...saltando as ondas pequenas e longas. Quando não aguenta mais cai. Na água salgada da pele no encontro salgado, arrepiante, despreocupado, manso. Quando os sentidos se perdem e a voz é o silêncio, o corpo e só...fincando os pés no mar sente-se como uma noite emergindo do espaço porque o chão do mar é como um instante de nostalgia. E estou esperando o dia, o dia que me leve o vento que o leve vento das ruas atravessando o mundo leve o que passou o vento leve um só!

CRUEL?

A vida é cruel quando vejo as células reluzentes da ternura da mão. A textura das palavras de amor em português. Será que saberemos se vão sobreviver e deves viver a solidão da mulher correndo pelos corredores de um hotel. E é também o amor solto sem canção sem sono e sonhos, o puro esquecimento. Choro num tempo de encontro sem rumo, mas tudo bem... Os encontros da vida toda, as memórias da alma. Não sei o quê na lembrança age particularmente no presente, este caminho, não o outro, não o outro.

A vida não é cruel, ela vai com o vento soprando na janela, vento norte e quente. Ela vai ao encontro, mas a vida vai sobre saltos, os saltos descontínuos que sentes e choras, mas quem sofre? Quem tem medo?

O cru na carne, no osso... na vida, ela vem, sem avisar, surpreende o medo, atropela os pensamentos. É assim a vida como criança por perto, num tempo novo da força no encontro a dizer do domínio sem rumo, sem rumo juntos como numa surpresa cósmica que não é mais do que uma forma do antes no agora, do agora que se diz fora, fica perto, fica longe, no universo.

CUCARACHAS

Nasceu como qualquer uruguaio, no Uruguai. Cada vez que sobe no metrô de Londres para ir para o trabalho e percebe alguém com uma bandeira de Gana sente vontade de vestir uma celeste. Seu país não o acolheu como que para dar-lhe uma profissão. É por isso que não vive nele. Saiu na estação Victoria e sentiu o povo gritando o nome de seu país. Todos viam, nos pub pela TV, os dribles que ele nunca acreditou. Agora ao passar nas ruas do país que não é o seu sentiu a importância que ele nunca deu a si mesmo. Quando é necessário que os outros digam que você é importante. Sentiu, como nunca havia sentido, a vontade incontida de ser reconhecido, assim como seu país. Queria mas não encontrou nenhuma celeste para vestir. Queria andar pelas ruas do país que não era o seu vestido como se estivesse em seu país. Parou na frente de um kiosk e lembrou-se dos caramelos. E queria mais. Queria ser o que nunca teve vontade de ser: um cucaracha vestido de celeste.

AOS FRANCESES QUE NASCERAM NA FRANÇA

Os jovens têm uma energia que amedronta todo o mundo. Que não são vistos como você e eu. Como um imigrante ideal: Sarkozy. A França nunca teve problemas com os imigrantes, ela sempre foi feita por estrangeiros. Gingados no metrô e música para aliviar o cotidiano. Aveludados sopros de outros trópicos. Por que só sério não dá, né! E hoje um estrangeiro francês saiu de Vincennes, chegou ao Musée Carnavalet e viu um gato sentado na mesa de um café, Café de La Paix. Sentiu-se verdadeiramente um francês. Como sempre foi. Estava interessado em seus ancestrais, entre eles Notre-Dame. Foi assim que descobriu, nas catacumbas, as origens de Paris, e as suas, um pouco também. Foi assim que sentou-se no bar onde estava o gato e admirado, como o gato, sentiu o sopro do século. Uma mistura de cinza, lirismo e as cores da bandeira nigeriana.

PLÁTANOS

Naquela noite saímos sem rumo. Pelas ruas largas caminhávamos ao contrário. Sempre foi assim o caminhar nas largas ruas, contra o movimento. Pessoas que vão carros que vêm. Por que saímos se estava frio e as mesmas ruas desertas? As ruas frias, muitos graus abaixo de zero. Fomos, mesmo assim, até o outro lado da cidade. E encontrei um velho amigo. Ficamos conversando ao relento sobre as horas do passado onde a energia nos consumia como uma madeira pelo fogo. Entramos e naquele lugar o frio ficava do lado de fora. Era aconchegante ali. Fomos até lá sem perceber tanto desconforto e falávamos alto como que para os Plátanos nos ouvissem. Às vezes chutávamos bolinhas de Paraísos caídos no chão. Aliás, jamais havia visto um Paraíso tão povoado! Sem perceber a noite chegou ao fim com uma névoa corrompida pelo alvorecer litorâneo. E o sol era uma fenda que brilhava mais forte que no resto do dia. Com essa sensação dormi o dia inteiro e, ao acordar, repeti essa cena pelo resto da vida, que nunca mais acontecerá.

UM BARCO E AS DECISÕES

Depois da batalha ela disse: “Vá!”.

Ele, incrédulo, perguntou por quê? Ela, cabisbaixa, disse que era melhor assim. Os soldados já estavam chegando bem perto, era melhor que partisse. Ele olhou novamente não acreditando que, após tantos sacrifícios, tantas aventuras juntos, ela iria abandoná-lo. Ela abraçando-o fortemente e deixando a primeira lágrima cair insistiu: “Vá, antes que nós dois sejamos pegos!”. “Mas...” disse ele melancólico. “My Lord”, gritaram os marinheiros, “as ondas estão a nosso favor, vamos!”. “Vá”, disse ela, “e leve meu amor eterno”. “A rampa, My Lord, será retirada. Os ventos estão mudando de direção, vamos!”. Ele já atravessou a rampa. Olha para a amada no cais. O barco começa a ir em direção ao mar e sua amada chora quando as distâncias parecem aumentar numa velocidade imensa. Sua amada, então, se joga ao mar e atravessa a nado a distância que separa o trapiche do barco. Ela finalmente havia tomado uma decisão. Ele...

A CARTA

Acordou-se após horas de efeito de fármacos poderosos. Seu corpo pesava como se uma barra de ferro estivesse dentro dela. Consegue, mesmo assim, levantar os lençóis, levantar-se da cama e, passo a passo, caminhar até as escadas. A casa está vazia. Ela sabia que naquele horário não havia ninguém para impedir seus planos. Chega perto das escadas. Agarra-se ao corrimão, desliza seu corpo pesado um ou dois degraus. Olha. Três andares abaixo. Vira o corpo e logo está do outro lado da escada. Olhos cheios d'água. Não pensa. Tem medo. Coragem e. Tudo fica escuro.

Seu desmaio dura o tempo suficiente para que ninguém chegue e a salve. Pensa que foi o melhor que podia fazer e que quando alguém chegar será tarde demais. Encontrarão, então, um corpo estendido e estático resultado de um único movimento de intenção. Dirão que sua atitude seria fruto de um impulso, mas verdadeiramente havia premeditado tudo. Cada passo, a hora exata, o deslizamento e, finalmente, a posição do cadáver.

Viu quando o marido chegou. Sua carruagem quase sempre chamava a atenção de todos ao chegar. Ele abriu a porta. Gritou seu o nome da esposa. Anunciou sua chegada, mas ao olhar para a mesa viu uma carta. Começou a chorar imediatamente, antes mesmo de lê-la. E quando, finalmente, encontrou sua amada

desmaiada à beira das escadarias, entendeu o sentido da carta. As palavras ali escritas diziam as coisas que ele não conseguia ver. Tentou mesmo assim um pedido inútil para que ela voltasse. Viu, no entanto, como na carta, um rosto feliz que descrevia o sentimento que deixava naquele instante. A amada havia finalmente se desfeito das máscaras que ele não conseguiu ver através.

HOJE UMA ÁRVORE AVISOU QUE IA CAIR

Quase verde temperatura variada constante existe uma sombra atrás de ti. Eu vi. Na estrada as estrelas caem como nos tempos de verão intenso, às vezes caem por cima dos passantes como flechas no alvo, certeiras, na escuridão da palavra. Certas formas saem da garganta rocas palavras, ardentes frases.

Hoje uma árvore oca avisou que ia cair.

O livro, a novidade sempre está aqui, nas páginas soltas. Vamos juntá-las num sentido, a do não-sentido das coisas e parar na admiração. Por que isso vale o contorno dos passos na madrugada e fiz uma nuvem andar comigo para não sentir-me só. Passo a passo acompanhada ouvindo coisas que as palavras nem sabem como dizer, mas dizem de outra maneira. Só a nuvem entende a canção dos pássaros talvez porque uma nuvem não se perca na solidão das palavras ou na copa de uma árvore que cai. Mas as árvores dizem coisas muitas vezes por dizer, frases ao contrário do entender, pois elas carregam um mundo, quem não sabe isso não vê. E existe uma árvore da alma que conecta as coisas do mundo e larga sementes aladas, feito medusas no ar. Logo, faremos um livro, juntaremos um alvorecer marinho pra dizer: na copa no galho na folha mais extrema pousou um Merle blue, deixaremos livre a primeira página, mas se ela cair todos irão cair!

DESAPARECER

Alguns átomos estão numa dança infinita de sensações, a energia pulsante que transborda cada elétron em cada orbital distribui um conjunto inominável de efeitos. Potências e energias, as quedas, seus retornos, os níveis circulantes. Falávamos de potências para dizer que tudo volta a seu estado e se altera novamente num desencadeamento que carrega na mente o corpo, no corpo o pensamento. O pensamento, o corpo, inevitavelmente como num salto, uma visão de mundo. Num passeio cósmico olho atravessado para tempo que não passa. Apenas desaparece num fim de tarde, porque não há nada mais poético que um fim de tarde.

É que quero a receita para desaparecer! Por que tentando entrar na floresta vejo que não consigo nem por aqui nem por ali. Num certo sentido o contorno é o melhor caminho, mas num outro sentido havia um olho no vértice do cone que me fez ver o acontecimento, este e o agora. Para desaparecer ao anoitecer e escrever que estamos na música que me chama como num pedido para não deixar na dor o sentido e sim num sentido a dor.

É que a palavra quase sempre nunca tão somente diz.

SINAIS

Os pés no chão. Eu entendi os sinais que nem sempre são assim na música. Toda a aparência você não vê as cores não vê o imenso erro que está logo ali na frente e quase tudo passa nas ruas. Nas ruas escuras ruas com o cheiro daqueles que a deixaram há tempos, tempos de movimentos de agora. Agora um mergulho no movimento, um silêncio. Silêncio de dizer chega! Por que esses mesmos sinais marcam pertencem a um todo e dito de outra forma a película tênue que separa um sim de um não. Primeiro os erros, logo a melodia que entra na mesma pele exala caminhos sem procurar. Quase um destino sem passos nem marcas, corpos e sol. O sol clareia um dia no passado líquido das coisas vistas na chuva e no vento. Existe uma virada aí na temperatura da chuva e do sol transformando gotas no tempo, o tempo na noite, a noite na sombra, a sombra no olhar. As melodias seculares dizem a mesma coisa sem dizer, mas só há sombra no olhar desde que um terceiro sol solte raios e brilhos no fim da tarde. Tinha visto e vi novamente um sol se pôr depois o outro e assim por diante como num norte um frio sem sabor. Vemos todo dia o mesmo? Ou nos levará o vento para além dos termos das terras distantes nos desertos de um povo por vir. Preciso preencher um deserto numa flor que brotou e foi trazida não se sabe de onde, mas que é totalmente diferente.

UM DESERTO DO OLHAR

Não começamos bem sem preenchermos um deserto. O deserto não é do olhar, mas da terra, da terra inteira, do território cujo corpo se desloca e você tem que me ouvir!

Desta vez nas canções feitas num túnel abaixo muito abaixo da terra e cada deserto visto de fora e visto de dentro contorna-se como numa espiral de movimentos. Fez-se a música do silêncio bem pra dentro do entorno. Existe um deserto e silêncio ao emergir do fora para não sei bem onde no olhar, nas sementes que se soltam como labaredas para serem vistas no tempo, em outras formas, conquistando outros ares, preenchendo as paisagens, verdes contornos. Penso no som do verde no deserto, pois só à noite desaparecem e agitam suas copas, as árvores. Produzem um som bambu corpo-a-corpo, galho-a-galho, onde as formigas se sentem bem.

Completamos um olhar dizendo você está aqui sem estar na medida da noite e do esquecimento. E se cada corpo virasse e se confundisse com o outro dizendo seu corpo esta em mim necessariamente na vida antes e depois e então, estamos?

E entro na tua vida com desculpas pra não dizer que estamos juntos há séculos! As fugas são exatamente as formas que atravessam as forças no escuro no passado no futuro, na saída que através está no agora no tempo e na vida e então, fugimos?

Por que na floresta costuma haver um tempo de transição onde ela

permanece e é aí onde os seres da floresta sentem bem. Num tempo de transição onde digo no tempo um deserto que tentamos preencher na forma ou no olhar e então, vamos?

Vamos logo ali onde as coisas do lugar dizem do tempo passamos tentando dizer que sem dizer dizemos mais do que qualquer palavra. E então?

Por que qualquer coisa no deserto do olhar está dita desde sempre no olhar distante mais próximo possível, esse que descobrimos e nos diz um olhar se entreabriu. E então, vimos?

...E O SENSÍVEL NÃO SE SEPARA DO CORPO

Cria-se quem sabe uma espera talvez enganosa, não digo isso para me opor, o contrário, um carrossel saindo de uma dupla pintura estendida num lençol, um corpo estendido no chão. Essa dimensão é a própria experiência do sensível e se não fosse no corpo, seria onde?

Noutra dimensão espero absolutamente dizer aqui que a história do corpo acabou! A “época” do corpo acabou, temos muitas épocas agora, muitos motivos e os corpos misturados com uma radicalidade jamais vista. O corpo agora esta opacificado, transplantado de vários lugares, de eras passadas e futuras. Isso se parece mais com fenômenos de massa, as pessoas esperam saber o que os outros pensam para dizer o que elas pensam. É como se fosse comportamentos de junção, entre nós e o outro que somos também, somos assim, todos carregando um outro ao qual se dirige uma operação, uma afetação, e é irreduzível ou tarde de mais para se pensar numa dupla conexão. As conexões são múltiplas na dimensão individuante da experiência do sensível que desemboca num devir-atitude das formas. Para isso, para uma estética num circuito social do desejo precisamos do combate. O combate é o que estimo. Combato tudo que amo: Deleuze, Nietzsche, Kafka, por que procuro neles suas singularidades, por que eles estão sempre fugindo àquilo que eles são. Uma arqueologia do corpo na direção de sua desmaterialização onde o processo de criação não

fosse uma lista de nomes, movimentos ou tendências. Um pouco como em “When attitudes become form” de 1959, trazendo a beleza da experimentação na atitude para além dos conceitos que estes possam suscitar. Bem, um grande evento claro, mas antes corpos entrando em cena, uma estética do emaranhado. A arte no corpo o corpo na arte, mas antes um corpo incorpório num sentido propriamente sensível da matéria. Eu diria: ainda não, não ceda ainda!, “E isto é a realidade do amor: lutar contra o ceder do sensível”.

ANTES DA CHUVA AS SEMENTES

A cor contraste roxo verde da flor à semente, caiu. Envoltório dispersando possíveis encontros antes da chuva antes do momento, depois te conto...

No amanhecer das coisas novas brotando lua nova porque cabe aqui. Aqui, cabe.

Nos vi deitados no chão olhando as nuvens cinzas do céu no ponto do papel diziam coisas incrivelmente inexplicáveis. Nunca um cinza diz tudo, talvez porque seja uma cor de inverno quando as nuvens estão mais fortes. Existe um cipreste que combina com um cinza, assim como os plátanos que voam folhas no outono e espantam vidas ao redor. Aqui. Num lugar de selva mudam os encontros, trocam as paisagens. Outros cabem, aqui.

Mas de todos os ventos possíveis uns atravessam atmosferas coloridas pintando o mundo através porque hoje o vento transformou aqui a nossa cor. As cores transformadas em coloridas cenas que são vistas somente quando pintadas na ação do pincel, teu movimento na tela estendida quando atravessas o momento. Por que cores cabem aqui.

As cores saídas das lembranças de uma semente que está na flor assim como teus olhos estão no mundo, num mundo de cores porque elas cabem no cuidado da linha que limita esse encontro, mas que limita um contorno e volta como sementes na chuva.

Por que na chuva cabem lágrimas cabem aqui.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia. **Estudos Deleuzianos da linguagem**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. University of Texas Press, 1993. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza.

BARTHES, Roland. **Lo obvio e lo obtuso**. Ediciones Paidós. Barcelona, 1986.

BAUDELAIRE, Charles. **Meu coração desnudado**. Belo Horizonte. Autêntica, 2009. Tradução: Tomaz Tadeu.

BERGSON, Herri. **A Energia Espiritual**. São Paulo. Martins Fontes, 2009. Tradução: Rosemary Costheck Abílio.

_____. **Matéria e Memória, Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo. Martins Fontes, 1999. Tradução: Paulo Neves.

BORGES, Jorge Luis. **Artíficos**. Madrid. Alianza Editorial, 1995.

_____. **Ficciones**. Buenos Aires. Emecé Editores, 2005.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo. Revista Ciência e Cultura, nº 9, v.24, 1972.

CANNETI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995. Tradução: Sérgio Tellaroli.

CORTÁZAR, Julio. **História de Cronópios e Famas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008. Tradução: Glória Rodriguez.

_____. **Lo particular y lo universal**. Blog “Elmate e los poetas”. Acessado em: 28/02/2009.

CASARES, Adolfo Bioy. **A invenção de Morel**. São Paulo. Cosac Naify, 2006. Tradução: Samuel Titan Jr.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra. Leibniz e o barroco**. Campinas, SP. Papiрус, 1991. Tradução: Luiz B.L. Orlandi.

_____. **Bergsionismo**. São Paulo. Ed. 34, 1999. Tradução: Luiz B. L. Orlandi.

_____. **Nietzsche**. Lisboa. Edições 70, 1994. Tradução: Alberto Campos.

DELEUZE, Gilles. Guattari, Félix. **Kafka**. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro. Imago, 1997.

_____. Mil Platôs Capitalismo e esquizofrênica. Rio de Janeiro. Ed. 34. 1995. V.2. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Noites Brancas. Porto Alegre. L&PM Editores, 2008. Tradução: Natália Nunes.

ECO, Umberto. Seis Passeios pelos Bosques da Ficção. São Paulo. Companhia das Letras, 1994. Tradução: Hildegard Feist.

_____. Tratado Geral de Semiótica. São Paulo. Perspectiva, 2007. Tradução: Antônio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza.

FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristovão. **Oficina de texto**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

FUENTES, Carlos. **La muerte de Armino Cruz**. Santiago de Chile. Editorial Andres Bello, 1993.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Companhia das Letras. 2002.
Tradução: Modesto Carone.

_____. **Um Artista da Fome**. A metamorfose. Rio de Janeiro. Ediouro, 1998. Tradução: Torrieri Guimarães.

MALLARMÉ, Stéphane. **Rabiscado no Teatro**. Belo Horizonte. Autêntica, 2010. Tradução: Tomaz Tadeu.

MUCCI, Latuf Isais. **Signos do Corpo: Réquichot, Barthes e nós, os outros**. Alea V. 8. Rio de Janeiro, Julio/Dezembro, 2006.
Artigo.

NARVAL, Gérard. **Sílvia**. Rio de Janeiro. Rocco, 1986. Tradução: Luis de Lima.

PAZ, Octavio. **Arenas movedizas**. Madrid. Alianza Cien, 1994.

POE, Edgar Alan. **Assassinato na Rua Morgue**. Porto Alegre. L&PM Editores, 2008. Tradução: Willian Lagos.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de Escrever**. L&PM Editores, 2008. Tradução: Pedro Süssekind.

SERRES, Michel. **O Incandescente**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005. Tradução: Edgar de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Belo Horizonte. Autentica, 2007. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.

STEIN, Gertrude. **Paris França**. Rio de Janeiro. José Olympio, 2007. Tradução: Sônia Coutinho.

STIEGLER, Bernard. **Reflexões (não) contemporâneas**. Chapecó. Argos, 2007. Organização e Tradução: Maria Beatriz de Medeiros.

TOMAZ, Tadeu; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. **Linhas de Escrita**. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.

WOOLF, Virginia. **Cenas Londrinas**. Rio de Janeiro. Ed. José Olympo, 2006. Tradução: Myrian Campelo.